

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

EDUARDA DE SOUZA MOREIRA

**O POPULISMO E A DINÂMICA DA EXTREMA DIREITA: UMA COMPARAÇÃO
DE JAIR BOLSONARO (BRASIL) E JAVIER MILEI (ARGENTINA)**

GOIÂNIA

2025

EDUARDA DE SOUZA MOREIRA

**O POPULISMO E A DINÂMICA DA EXTREMA DIREITA: UMA COMPARAÇÃO
DE JAIR BOLSONARO (BRASIL) E JAVIER MILEI (ARGENTINA)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito, Negócios e
Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel(a) em Relações Internacionais.
Orientador(a): Dr. Danillo Alarcon.

GOIÂNIA

2025

Moreira, Eduarda. 2025.

O Populismo e a dinâmica da extrema direita: uma comparação de Jair Bolsonaro (Brasil) e Javier Milei (Argentina)/ Eduarda de Souza Moreira. – Goiânia, 2025.

Total de folhas: 67 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Danillo Alarcon

Monografia (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Goiânia, 2025.

1. populismo. 2. *outsider*. 3. *establishment*. 4. Bolsonaro. 5. Milei. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação. II. Bolsonaro e Milei como expressões da extrema-direita na América Latina.

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDUARDA DE SOUZA MOREIRA

O POPULISMO E A DINÂMICA DA EXTREMA DIREITA: UMA COMPARAÇÃO DE
JAIR BOLSONARO (BRASIL) E JAVIER MILEI (ARGENTINA)

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito, Negócios e
Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel(a) em Relações Internacionais.
Orientador(a): Dr. Danillo Alarcon.

Aprovada em 10 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Danillo Alarcon (Orientador – PUC Goiás)

Prof. Leandro Bernardes Borges (PUC Goiás)

Prof. Johnny Taliasi do Couto (PUC Goiás)

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho e este ciclo tão importante da minha vida só foi possível graças ao apoio de pessoas que estiveram comigo nos momentos mais desafiadores e nos mais significativos.

Agradeço de coração a todos que fizeram parte da minha formação em Relações Internacionais, registro meus agradecimentos pelos professores Guilherme Carvalho, Leandro Borges, Pedro Pietrafesa, Diego de Castilho e Renzo Nery, por cada aula, orientação, ensinamento, troca e incentivo ao longo desses anos. Em especial, ao professor Danillo Alarcon, meu orientador e professor, por todas as vezes em que me ouviu, por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava e por torcer pelas minhas conquistas com tanta generosidade e calma.

À minha família, especialmente à minha mãe, Gisely, e à minha irmã, Leticia, que são meu alicerce, minha força e minha maior inspiração, deixo minha gratidão mais profunda. Tudo o que conquistei até aqui traz a presença e o amor de vocês. Obrigada por me ensinarem tanto, por me apoiarem incondicionalmente e por estarem ao meu lado em cada passo dessa caminhada.

Aos meus dois grandes amigos, Gabriel Vasconcelos, João Oliveira, os maiores presentes que esse curso poderia me dar, obrigado por estarem ao meu lado com paciência, companheirismo e, acima de tudo, muito amor. Mesmo nos dias mais difíceis, vocês tornaram essa jornada mais leve, e de repente acordar às cinco da manhã já não parecia tão ruim assim. A amizade de vocês foi um porto seguro e uma fonte constante de força e alegria.

Agradeço de coração a cada um de vocês, pois este trabalho representa não só meu esforço, mas também o apoio que recebi ao longo do caminho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as manifestações do populismo de direita nos governos de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina, destacando como tais lideranças mobilizam discursos polarizadores, desafiam instituições e impactam a política externa de seus países. A pesquisa parte da hipótese de que ambos os presidentes se utilizam de estratégias discursivas semelhantes, fundamentadas em uma oposição entre povo e elite, na figura do líder outsider e em princípios ideológicos que buscam representar valores considerados autênticos por parcelas da população. A metodologia adotada é qualitativa, baseada em estudo de caso comparado, com análise de discursos, ações institucionais e posicionamentos internacionais adotados durante os respectivos mandatos. Os dados foram interpretados à luz da literatura especializada sobre populismo, considerando as variáveis centrais discutidas no referencial teórico. Os resultados apontam que Bolsonaro, mesmo com longa trajetória parlamentar, construiu uma imagem antissistêmica e investiu na comunicação direta com sua base por meio das redes sociais, enfraquecendo canais institucionais tradicionais. Seu governo caracterizou-se por embates constantes com o Congresso, o Judiciário e a imprensa, além de uma orientação externa marcada pelo alinhamento ideológico com governos conservadores. No caso argentino, Milei emergiu como resposta ao desgaste político dos partidos tradicionais e à crise econômica persistente, utilizando uma retórica mais radicalizada e individualista. Desde sua posse, seu governo tem adotado medidas econômicas de choque, com forte conteúdo liberal, e reposicionamentos diplomáticos que refletem sua visão crítica do multilateralismo regional. Conclui-se que, embora inseridos em contextos distintos, os dois líderes compartilham elementos estruturantes do populismo de direita e revelam como essa modalidade política pode transformar o funcionamento democrático e a inserção internacional dos países. O estudo contribui para o debate sobre os efeitos do populismo na estabilidade institucional e nas estratégias externas adotadas por governos que se afirmam como representantes diretos da vontade popular.

Palavras-chave: populismo; *outsider*; *establishment*; Bolsonaro; Milei.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar las manifestaciones del populismo de derecha en los gobiernos de Jair Bolsonaro, en Brasil, y Javier Milei, en Argentina, destacando cómo dichos liderazgos movilizan discursos polarizadores, desafían a las instituciones e impactan la política exterior de sus países. La investigación parte de la hipótesis de que ambos presidentes utilizan estrategias discursivas similares, fundamentadas en una oposición entre pueblo y élite, en la figura del líder outsider y en principios ideológicos que buscan representar valores considerados auténticos por sectores de la población. La metodología adoptada es cualitativa, basada en el estudio de caso comparado, con análisis de discursos, acciones institucionales y posicionamientos internacionales adoptados durante sus respectivos mandatos. Los datos fueron interpretados a la luz de la literatura especializada sobre populismo, considerando las variables centrales discutidas en el marco teórico. Los resultados indican que Bolsonaro, incluso con una larga trayectoria parlamentaria, construyó una imagen antisistema e invirtió en la comunicación directa con su base mediante las redes sociales, debilitando los canales institucionales tradicionales. Su gobierno se caracterizó por constantes enfrentamientos con el Congreso, el Poder Judicial y la prensa, además de una orientación exterior marcada por el alineamiento ideológico con gobiernos conservadores. En el caso argentino, Milei emergió como respuesta al desgaste político de los partidos tradicionales y a la persistente crisis económica, utilizando una retórica más radicalizada e individualista. Desde su toma de posesión, su gobierno ha adoptado medidas económicas de choque, con un fuerte contenido liberal, y reposicionamientos diplomáticos que reflejan su visión crítica del multilateralismo regional. Se concluye que, aunque insertos en contextos distintos, ambos líderes comparten elementos estructurales del populismo de derecha y revelan cómo esta modalidad política puede transformar el funcionamiento democrático y la inserción internacional de los países. El estudio contribuye al debate sobre los efectos del populismo en la estabilidad institucional y en las estrategias exteriores adoptadas por gobiernos que se presentan como representantes directos de la voluntad popular.

Palabras-llaves: populismo; *outsider*; *establishment*; Bolsonaro; Milei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O QUE É POPULISMO?	14
1.1 O CONCEITO DE POPULISMO NOS ESTUDOS DE POLÍTICA	14
1.1.1 O embate elite versus povo	17
1.1.2 Os <i>outsiders</i> contra o <i>establishment</i>	19
1.1.3 Os valores dos líderes populistas.	21
1.2 O POPULISMO E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	23
1.2.1 Breves apontamentos sobre o Brasil e a Argentina de Bolsonaro e Milei: de candidatos a presidentes	26
2 BRASIL DE BOLSONARO E ARGENTINA DE MILEI.....	29
2.1 O EMBATE ELITE <i>VERSUS</i> POVO	30
2.1.1 O embate elite versus povo no caso brasileiro: a articulação de Bolsonaro.	30
2.1.2 Elite versus povo nos discursos de Milei.	37
2.2 DO CANDIDATO <i>ANTIESTABLISHMENT</i> A PRESIDENTE DESLOCADO: OS CASOS BOLSONARO E MILEI.....	38
2.3 OS VALORES DOS LÍDERES POPULISTAS	43
2.3.1 O “bolsonarismo” como miscelância de valores.	43
2.3.2 Populismo libertário? A combinação paradoxal de Milei entre carisma político e anarcocapitalismo.	48
2.4 O POPULISMO E AS RELAÇÕES EXTERIORES DE BRASIL E ARGENTINA.	50
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

O conceito de populismo é, historicamente, objeto de disputas na literatura acadêmica, refletindo sua complexidade, plasticidade e capacidade de adaptação a diferentes contextos históricos, políticos e culturais. Sua polissemia faz com que o populismo seja abordado, alternativamente, como ideologia, lógica discursiva, estilo de comunicação, estratégia política ou ainda uma combinação desses elementos (Mudde, 2024; Moffitt, 2018; Casullo, 2019).

No presente trabalho, parte-se do entendimento de que o populismo opera como uma ideologia de base fina, conceito desenvolvido por Mudde (2024), que o identifica como uma ideologia de baixa densidade teórica, capaz de se associar a ideologias mais robustas, como o nacionalismo, o neoliberalismo ou o conservadorismo moral. Seu núcleo é formado por uma oposição dicotômica e moral entre “um povo puro” e uma “elite corrupta”, além da defesa de que a política deve expressar a vontade geral do povo, sem intermediações institucionais. Contudo, essa definição, ainda que central, é insuficiente para compreender o funcionamento do populismo no século XXI, sobretudo em contextos como o brasileiro e o argentino. Por isso, este trabalho incorpora também a perspectiva de autores como Moffitt (2018) e Casullo (2019), que ampliam a compreensão do populismo para além da ideologia, ressaltando sua dimensão performática, estética e emocional.

Moffitt (2018) argumenta que o populismo não é apenas uma ideologia, mas um estilo político, caracterizado por três elementos fundamentais: (i) a constante encenação da crise, na qual problemas complexos são simplificados em narrativas de emergência e urgência; (ii) a apresentação do líder como uma figura outsider, desvinculado das elites políticas e midiáticas; e (iii) o uso sistemático de uma linguagem coloquial, direta, agressiva e polarizadora, capaz de mobilizar afetos e criar clivagens permanentes na sociedade.

Na mesma linha, Casullo (2019) propõe entender o populismo como um fenômeno profundamente vinculado à construção de vínculos afetivos e simbólicos entre líder e povo. Para a autora, o populismo é um modo específico de construção de identidades políticas, no qual o líder não apenas representa, mas também corporifica os anseios, as frustrações e os desejos de um segmento social que se percebe abandonado pelas elites econômicas, políticas e culturais. O líder populista não governa apenas por meio de políticas públicas, mas principalmente por meio da performance, da linguagem e da construção permanente de antagonismos.

Ao analisar os casos de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina, torna-se evidente que essa combinação entre as abordagens ideacional, discursiva e performática do

populismo oferece as ferramentas mais adequadas para compreender seus projetos políticos. Ambos operam a partir da oposição moralizante entre povo e elite, constroem suas imagens como outsiders radicais e mobilizam crises permanentes como recurso político, seja no ataque às instituições democráticas, aos meios de comunicação, às minorias ou às organizações internacionais. Além disso, tanto Bolsonaro quanto Milei demonstram que o populismo, quando associado a projetos de extrema-direita, articula-se diretamente com elementos autoritários, antidemocráticos, ultranacionalistas e antipluralistas, deslocando-o para além de uma simples estratégia eleitoral ou estilo de campanha e transformando-o em um projeto de poder sustentado na erosão das mediações institucionais e na radicalização do antagonismo político.

Portanto, neste trabalho, entende-se o populismo como uma ferramenta discursiva, simbólica e performática que reorganiza o campo político, redefine quem pertence à comunidade política e quem deve ser excluído dela, e opera por meio da constante fabricação de inimigos internos e externos. Essa definição, ancorada nos referenciais de Mudde (2024), Moffitt (2018) e Casullo (2019), permite não apenas compreender os fenômenos estudados, mas também aprender com eles sobre os impactos do populismo na degradação das democracias contemporâneas.

Para além da teoria, a ascensão de líderes populistas de direita radical na América Latina deve ser compreendida à luz de processos globais. Nas últimas décadas, a globalização transformou profundamente as economias e sociedades ao redor do mundo. No entanto, seus efeitos colaterais, como a desindustrialização, o aumento da desigualdade social, os fluxos migratórios e a crise da representação política, geraram frustração, medo e insegurança em amplos setores da população. Essa insatisfação, segundo Cox (2019), criou as condições para o surgimento de líderes populistas, que canalizam o descontentamento popular por meio de discursos antissistema, apelando a valores identitários, morais e nacionalistas. De acordo com Santos (2021), esses líderes eleitos democraticamente desestabilizam as instituições que os levaram ao poder, corroendo os alicerces da democracia representativa. Incisa (1998) observa que o populismo é um fenômeno instável, capaz de se vincular tanto a propostas progressistas quanto conservadoras, o que reforça sua adaptabilidade ao contexto político contemporâneo.

De fato, nos últimos dez anos, esse caminho foi claramente traçado na América Latina. A eleição de Jair Bolsonaro no Brasil e, mais recentemente, de Javier Milei na Argentina, aponto para a consolidação de uma nova extrema direita na região. Ambos os líderes apresentam traços em comum, estabelecem uma narrativa polarizadora baseada no confronto entre “corrompidos” e o “povo”, desprezam os partidos tradicionais, usam plataformas digitais como principal meio de comunicação política e implementam um governo conservador nos

costumes e radical na economia. Como afirmam Sanches e Magenta (2020), esse tipo de liderança, ao prometer restaurar uma “ordem moral” e recuperar uma “soberania” supostamente perdida, compromete tanto a qualidade democrática interna quanto a inserção internacional dos países.

O entendimento do conceito e a compreensão da extrema-direita é mais complexo do que sua simples associação ao conservadorismo ou à defesa de valores tradicionais. Segundo Sanches (2021), a extrema-direita contemporânea representa um movimento que rejeita frontalmente os princípios básicos da democracia liberal, como os direitos humanos, o pluralismo e o Estado de direito. Ela se articula por meio de três pilares principais: o ultranacionalismo, o autoritarismo e o ataque sistemático às minorias e aos diferentes.

No caso brasileiro, esse fenômeno se expressa por meio de uma combinação muito específica, que une neoliberalismo extremo na economia, fundamentalismo religioso, conservadorismo moral e práticas autoritárias. De acordo com Sanches (2021), essa fórmula não surge do nada: ela se estrutura sobre ressentimentos acumulados por uma parte da população que se sente deixada de lado pelos avanços sociais, pela diversidade e pelos projetos de inclusão dos últimos anos. A extrema-direita, portanto, oferece a essa parcela da sociedade uma promessa de retorno à “ordem”, à “moral” e à “tradição”.

Além disso, como destaca o relatório de Vital, Gherman, Lemos e Santos (2024), a extrema-direita não atua apenas no discurso. Ela cria redes, movimentos, organizações e até partidos que difundem desinformação, atacam a imprensa, desacreditam instituições e espalham teorias conspiratórias. No Brasil, isso foi muito evidente durante o governo de Jair Bolsonaro, com ataques constantes ao STF (Supremo Tribunal Federal), à imprensa, à ciência e aos movimentos sociais. Andrade (2021) reforça que a extrema-direita na América Latina não é um fenômeno isolado, mas parte de uma rede global que conecta políticos, empresários, igrejas e grupos digitais que compartilham discursos de ódio, antiglobalismo, racismo e misoginia.

Por fim, a extrema-direita não é apenas uma reação a crises, ela é também um projeto de poder, que busca substituir o modelo democrático por uma lógica autoritária, hierárquica e excludente. É um fenômeno que se alimenta do medo, da desinformação e do ressentimento, oferecendo soluções simples para problemas complexos e, muitas vezes, culpando minorias, imigrantes, mulheres e movimentos sociais pelos desafios que a sociedade enfrenta.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a ascensão da extrema direita na América Latina a partir de um estudo comparado dos governos de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina. A hipótese de que tanto um quanto outro grupo de líderes têm em comum projetos políticos autoritários e reativos à institucionalidade democrática, ainda que, de um lado

para o outro, ambos expressem transformações mais gerais no campo político e social. Estas transformações se caracterizam pela crise da representação, pela deslegitimação das elites tradicionais e pelo desencanto das instituições.

A pesquisa de cunho qualitativo envolve a estratégia do método comparado, levando em conta três variáveis analíticas do conceito de populismo: a) conflito entre elite e povo; b) construção do líder *outsider* e em contraposição ao *establishment*; e c) valores acionados pelos líderes como um cerne de legitimação ante sua base eleitoral. O principal método utilizado é a revisão bibliográfica, que inclui autores clássicos e contemporâneos em populismo, artigos acadêmicos em contextos brasileiros e argentinos, relatórios de pesquisa, matérias jornalísticas e declarações públicas dos próprios líderes. Com base na análise das fontes, procurou-se entender como o discurso e as estratégias de comunicação dos líderes populistas foram utilizados para formar capital político, impulsionar reformas autoritárias e redesenhar a relação entre o Estado e a sociedade.

A escolha metodológica deste trabalho que combina análise de discurso, revisão bibliográfica e levantamento de material jornalístico não se dá de maneira aleatória, mas decorre de uma compreensão teórica e empírica sobre a própria natureza do populismo na contemporaneidade. Como apontam autores como Casullo (2019), Moffitt (2018) e Mudde (2024), o populismo, especialmente em sua expressão de direita radical, se estrutura não apenas como uma ideologia de base fina, mas como um fenômeno profundamente discursivo e performático. Ou seja, o populismo não existe fora da linguagem: ele se constrói na fala, na imagem, na encenação da crise, na produção de antagonismos e na constante redefinição dos limites simbólicos entre “nós” e “eles”.

Nesse sentido, o foco na análise dos discursos sejam eles pronunciamentos oficiais, entrevistas, postagens em redes sociais ou falas durante campanhas se justifica porque é precisamente nesse espaço discursivo que os líderes populistas constroem sua legitimidade, produzem identidades coletivas e reorganizam a arena política. O discurso, portanto, não é apenas um reflexo da realidade, mas um instrumento constitutivo da própria realidade política que os líderes populistas pretendem instaurar (Moffitt, 2018; Casullo, 2019).

A seleção de materiais jornalísticos como fontes complementares obedece a dois critérios fundamentais. Em primeiro lugar, trata-se de reconhecer que a mídia tradicional ou alternativa não é um mero veículo de informação, mas um ator político central na dinâmica populista. Isso ocorre porque, como destacam Moraes et al. (2022), os populistas de direita operam em constante tensão com a mídia: ao mesmo tempo que a atacam, a utilizam para amplificar sua mensagem, gerar escândalos, mobilizar afetos e consolidar a percepção pública

de sua figura como outsider antissistema. Portanto, compreender como a mídia retrata, disputa ou ecoa os discursos desses líderes é fundamental para mapear as estratégias de legitimação e deslegitimação que atravessam o fenômeno.

Em segundo lugar, a escolha dos veículos não foi feita de maneira aleatória, mas considerando critérios de alcance, diversidade ideológica e relevância na cobertura dos fatos. Veículos como a BBC, o *El País* e a *Revista Oeste* foram selecionados precisamente porque expressam perspectivas distintas da crítica mais progressista (como é o caso do *El País*) até leituras mais simpáticas ou alinhadas às direitas (como no caso da *Revista Oeste*). Essa diversidade permite escapar da armadilha da homogeneização interpretativa, oferecendo uma leitura mais crítica e dialética sobre a construção discursiva dos líderes analisados.

Além disso, a análise das redes sociais dos próprios líderes tanto Bolsonaro quanto Milei assume caráter central, visto que essas plataformas não são apenas ferramentas auxiliares de comunicação, mas sim o espaço privilegiado onde se opera a desintermediação política, rompendo com os filtros tradicionais da imprensa e das instituições. Como mostra Moffitt (2018), o populismo contemporâneo se alimenta da lógica algorítmica das redes, que favorece a viralização de discursos simplificados, a produção de escândalos, a retórica emocional e o antagonismo permanente.

Por fim, os critérios de comparação adotados, (i) o embate simbólico entre povo e elite, (ii) a construção do líder como outsider antissistema e (iii) os valores mobilizados no discurso e na prática política não são escolhas metodológicas arbitrárias, mas diretamente derivados da literatura especializada sobre populismo (Mudde, 2024; Casullo, 2019; Moffitt, 2018). Essas três dimensões sintetizam o que a literatura reconhece como os pilares centrais da lógica populista, seja em suas expressões de esquerda, seja como no caso de Bolsonaro e Milei em suas manifestações na extrema-direita contemporânea.

Portanto, a seleção das fontes, dos discursos e das categorias analíticas reflete não apenas uma opção metodológica coerente com o objeto de estudo, mas também uma aposta epistemológica: a de que compreender o populismo exige olhar para os processos discursivos e simbólicos como centrais na produção da política contemporânea, especialmente quando essa política se ancora na radicalização do antagonismo, na erosão das mediações institucionais e na construção de regimes afetivos que operam pela lógica do amigo versus inimigo.

O presente trabalho encontra-se dividido em dois capítulos. O capítulo 1 realiza uma revisão bibliográfica do conceito de populismo e de suas manifestações no mundo contemporâneo, abordando os pilares que estruturam a retórica populista, o lugar do povo e da elite, a concepção de *outsider* e os valores acionados pelo líder, e discutindo as implicações do

populismo para as Relações Internacionais, ao mesmo tempo em que são mencionados inicialmente os casos de Jair Bolsonaro e Javier Milei. O capítulo 2, por sua vez, opera uma análise comparativa entre os dois casos, desde suas trajetórias políticas, a instrumentalização do discurso antissistema, os ataques às instituições democráticas e os valores que sustentam suas agendas políticas. Por fim, são apresentadas as conclusões, destacando semelhanças e diferenças entre os dois governos e os impactos da ascensão da extrema direita na região.

1 O QUE É POPULISMO?

O presente capítulo visa discutir o conceito de populismo e as formas pelas quais ele surge nas democracias atuais, sobretudo em situações de crise econômica, descrença nas instituições políticas e polarização social. Com base na mesma definição de Mudde (2024), o populismo é uma ideologia de base fina, flexível e adaptável que pode se misturar a diferentes correntes de pensamento, sejam elas de esquerda ou de direita. Essa característica permite que o populismo se molde às demandas populares e sirva aos interesses de atores políticos que buscam ascender ou se manter no poder.

Ao fazer isso, por meio de uma narrativa oposta entre um “povo genuíno” e uma “elite corrompida”, a principal característica desses modelos envolve a tentativa de facilitar a conexão direta entre o líder e o povo, muitas vezes à custa das instituições democráticas tradicionalmente aceitas. Nos Estados Unidos, o fenômeno do discurso de Donald Trump, prometendo “devolver” o país ao poder em 2016, e repetir a mesma metodologia de campanha em 2024, baseou-se nesse poderoso incentivo nacionalista ao pertencimento e ressentimento político (Casullo, 2019). Esse tipo de retórica não apenas mobiliza apoio popular, mas também contribui para a fragmentação social e o acirramento das disputas políticas. Como aponta Benjamin Moffitt (apud Molloy, 2018), “no fim das contas, o líder toma decisões de uma maneira que simplesmente não é possível nas democracias tradicionais”.

Neste capítulo, será explorado o conceito e fenômeno do populismo a partir de três pontos principais: a divisão entre povo e elite, o papel dos líderes que se colocam como figuras de fora da política tradicional, e os valores que esses líderes usam para justificar suas ações. Mais do que olhar apenas para o que acontece dentro de cada país, propomos também um primeiro olhar sobre como o populismo se conecta com as Relações Internacionais. Isso vai preparar o terreno para, no próximo capítulo, mergulharmos em casos concretos, como os de Jair Bolsonaro no Brasil e Javier Milei na Argentina, e compreender-se melhor como essas dinâmicas se manifestam na prática.

1.1 O CONCEITO DE POPULISMO NOS ESTUDOS DE POLÍTICA

O populismo é um termo que possui diversas interpretações e argumentações sobre seu conceito. Segundo o dicionário de Oxford (2025), o populismo é definido como uma ideologia que estabelece uma divisão entre dois grupos distintos: “nós” e “eles”. De forma mais aprofundada, Cass Mudde (2024) introduz a ideia de um confronto entre o “povo puro” e a

“elite corrupta”, descrevendo essa dicotomia como uma resposta às crises e frustrações da população em relação ao sistema político e econômico.

Embora Mudde (2024) discuta o populismo no contexto de ascensão da extrema direita, é fundamental compreender que o fenômeno não está restrito a um espectro político específico. Ele o define como uma "ideologia de base fina", que é altamente flexível e pode ser combinado com diferentes ideias e ideologias. Essa adaptabilidade conceitual permite que o populismo seja empregado tanto por líderes de esquerda quanto de direita funcionando como uma estratégia política moldável conforme o contexto da análise.

Mudde (2024) afirma que o fenômeno do populismo deve ser examinado não de forma isolada, mas em conjunto com outras variantes de extremismo político. Ele adverte que diversos líderes populistas podem se envolver em uma retórica que fomenta a intolerância e a hostilidade, principalmente em relação a minorias e grupos marginalizados. Nesse cenário, o autor indaga se o populismo efetivamente proporciona uma voz ao povo ou se funciona apenas como um instrumento pelo qual líderes carismáticos instauram regimes autoritários sob a fachada de representação popular.

A partir disso, é visível que o termo populismo não tem uma definição aceita unanimemente na academia. Em um simpósio ocorrido em 1967, na *London School of Economics and Political Science*, discutiu-se os aspectos ideológicos mais importantes do termo. O encontro gerou mais reuniões para cobrir a face política, histórica e a própria definição do populismo (Berlin, 1967). Esse encontro foi importante porque anteriormente o termo era utilizado para se dirigir aos regimes do Terceiro Mundo¹ que passavam por um período de autoritarismo. Na convenção foram discutidos quatro tipos de populismo, com pesquisadores do mundo todo reunidos. Os tipos indicados são sintetizados abaixo.

O populismo russo, conforme examinado por Andrzej Walicki (apud Berlin, 1967), foi um episódio que apareceu como uma reação à crescente difusão do capitalismo na Rússia imperial. Ao contrário de outras expressões populistas, ele não se restringia a uma tática política, mas se apresentava como uma doutrina que negava o padrão ocidental de modernização fundamentado no liberalismo econômico. A primeira etapa dele foi caracterizada por uma crítica à industrialização e pela promoção das comunas rurais como uma alternativa ao capitalismo, evidenciando a convicção de que a Rússia poderia escapar dos processos prejudiciais do desenvolvimento industrial europeu. Na segunda etapa, a industrialização do final do século XIX intensificou as desigualdades sociais, provocando reações tanto entre os

¹Terceiro Mundo: fazem parte desse grupo os países que possuem economia subdesenvolvida ou em desenvolvimento, geralmente nações localizadas na América Latina, África e Ásia.

intelectuais quanto entre os trabalhadores urbanos. Por fim, na terceira etapa, com a Revolução Socialista de 1917, aspectos do populismo foram integrados pelo bolchevismo, afetando as políticas econômicas e sociais. Lênin, por sua vez, pode ser visto como uma personagem que integrou conceitos populistas ao seu plano revolucionário, principalmente na noção de ativação das massas e no combate às elites convencionais. Dessa maneira, o populismo russo se evidenciou por sua intensa conexão com o cenário econômico e por sua busca em criar uma alternativa à modernização ocidental. A ideia russa era de que os indivíduos não deveriam somente acreditar no populismo, mas também viver como um populista, ao entender que Lênin era um populista que se expandia para a área social e econômica (Berlin, 1967).

Outro tipo de populismo expresso pelo congresso foi o norte-americano. O populismo dos Estados Unidos, segundo a análise de Richard Hofstadter (apud Berlin, 1967), possui origens no radicalismo empresarial e na tradição jacksoniana, que enfatizava a democracia popular, a desconfiança em relação às elites e ao sistema financeiro, além da defesa dos pequenos proprietários rurais e trabalhadores; destacava também a democracia rural e a resistência às elites financeiras. Emergiu entre 1870 e 1890 como reação dos produtores rurais ao controle do sistema financeiro, especialmente dos bancos e dos monopólios ferroviários. Advogava por reformas monetárias, como a implementação do padrão prata para expandir a circulação de moeda e amenizar dívidas rurais. Apesar de seu pico nos anos 1890 com o Partido Populista, foi gradualmente assimilado pelo progressismo e impactou iniciativas como o *New Deal* (Berlin, 1967). Sem um grande pensador, foi um movimento prático e flexível, surgindo em líderes progressistas como Franklin Roosevelt e, pode-se acrescentar, no nacionalismo econômico de Donald Trump. Sua adaptabilidade garante que permaneça importante na política dos EUA até os dias atuais.

O populismo asiático emergiu principalmente durante períodos de descolonização e crises políticas, caracterizado por um intenso nacionalismo, envolvimento popular e uma liderança carismática. Líderes como Mao Tsé-Tung (China), Indira Gandhi (Índia) e Sukarno (Indonésia), que utilizaram discursos para proteger a população das elites locais e de potências estrangeiras, frequentemente implementando políticas autoritárias em prol da unidade nacional. Ademais, o populismo na Ásia frequentemente se entrelaçou com ideologias como socialismo e comunismo, resultando em governos que oscilaram entre modelos autoritários e nacionalistas (Berlin, 1967).

O populismo na América Latina se diferenciou pela intensa mobilização popular, pelo nacionalismo econômico e pela resistência às elites convencionais. Ele se manifestou tanto em ambientes urbanos, com o crescimento da classe trabalhadora, quanto em situações rurais, como

na Revolução Mexicana, onde agricultores indígenas resistiram às oligarquias. Líderes como Juan Perón na Argentina, Fidel Castro em Cuba e Fernando Belaúnde Terry no Peru utilizaram retóricas populistas para ganhar apoio popular, frequentemente unindo ações autoritárias e estatistas com garantias de inclusão social. Ademais, intelectuais e partes da Igreja tiveram um papel relevante na romantização da cultura popular e na promoção da participação política. O populismo na América Latina, apesar de suas diferenças, sempre se destacou pelo intenso personalismo político e pela noção de um líder que se comunica diretamente em nome da população (Berlin, 1967).

Para além dessas distinções de populismo, com seus contextos geográficos e históricos específicos, Incisa (1998) discute outras categorias e formas de se pensar o populismo. O autor acrescenta que o populismo surge quando um grupo político é apresentado como o único representante verdadeiro do povo e o coloca em confronto direto com a elite, que pode ser formada por políticos, empresários ou intelectuais. Esse motivo simplifica a realidade, transformando problemas políticos complexos em um conflito entre os dois partidos opostos.

A linguagem da polarização, outra característica distintiva do populismo, pode dividir sociedades e deteriorar o tecido social. A retórica que emana ódio e desconfiança em relação aos oponentes políticos compromete não apenas a governabilidade, mas também erode a confiança nas instituições. No Brasil, a polarização intensificada pelas campanhas de Bolsonaro em 2018 ilustra como o populismo aumenta a divisão e impede a formação de consenso em narrativas e questões que impactam a sociedade como um todo.

De toda a discussão sobre o conceito de populismo, enfatiza-se três elementos: a) o embate elite *versus* povo; b) a disputa do líder *outsider* contra o *establishment*; c) os valores que o líder populista deseja representar. Esses três elementos serão discutidos com mais detalhes adiante.

1.1.1 O embate elite *versus* povo

O populismo tem se destacado como um dos fenômenos políticos mais significativos da atualidade, especialmente na América Latina, onde adquire traços distintos que refletem as complexidades sociais, econômicas e culturais do território. Para Mudde (2024), o populismo não é apenas um eufemismo, mas sim uma ideologia fundamentada na rixa entre "o povo inocente" e "a elite corrupta". Essa narrativa é fundamental para líderes populistas, que se mostram como os autênticos representantes de um povo marginalizado ou oprimido, empregando essa retórica para fortalecer seu poder e influenciar o cenário político.

Os líderes da América Latina, como Hugo Chávez, Evo Morales e Jair Bolsonaro, retratam vários aspectos do populismo, sob a influência das características históricas e culturais de seus países. Chávez foi exibido como a voz do "oprimido", protegendo o "socialismo do século XXI" e mostrou a burguesia como um verdadeiro inimigo do povo. Pelo contrário, Evo Morales, Bolívia, foi baseado em sua estratégia para a identidade dos povos indígenas, em busca de restauração histórica de comunidades que foram marginalizadas ao longo do tempo (Casullo, 2019). No Brasil, Bolsonaro aceitou a polarização e a retórica conflitante, lançando dúvidas sobre as elites políticas tradicionais e representando-se pela representação de um “cidadão de bem” que apoia valores conservadores (Guimarães; Silva, 2020).

A ideia de "povo" no contexto do populismo latino-americano é uma construção social que une e divide simultaneamente. Chávez e Morales, por exemplo, converteram a noção de povo em um componente essencial de suas falas, empregando essa identidade coletiva para reforçar apoio e fundamentar suas políticas. Entretanto, essa mesma estrutura pode ocasionar polarização, uma característica intrínseca ao populismo. Conforme aponta Mudde (2024), a lógica populista "facilita" a realidade política ao restringi-la a um confronto entre "nós" e "eles", o que pode aumentar as divisões sociais e políticas. Bolsonaro, como será discutido no capítulo seguinte, executou essa tática em suas campanhas eleitorais, ao acusar instituições, opositores políticos e grupos minoritários de serem inimigos do povo (Guimarães; Silva, 2020).

Essa polarização gera efeitos significativos na democracia, uma vez que divide o debate público e enfraquece a confiança nas instituições. Cox (2017) nota que o aumento do populismo está diretamente vinculado à crise da globalização, que amplificou desigualdades e gerou um ambiente propício para narrativas populistas. A falta de confiança nas elites políticas e econômicas nutre esse sentimento de descontentamento, resultando no fortalecimento de lideranças que se mostram como redentoras do povo.

As diversas críticas ao populismo frequentemente destacam sua inclinação a tornar problemas complexos em narrativas simples, que nem sempre proporcionam soluções eficientes. Apesar de conseguir mobilizar grupos historicamente marginalizados e evidenciar reivindicações legítimas, o populismo frequentemente não consegue converter essa mobilização em políticas públicas duráveis. Além disso, a retórica populista pode excluir aqueles que não se ajustam à definição limitada de "povo" escolhida pelo líder populista, gerando novas exclusões na sociedade. Em nações caracterizadas pela diversidade, como a Bolívia e o Brasil, essa restrição se torna especialmente complicada.

De acordo com Casullo (2019), a incerteza do populismo pode aumentar a participação política de grupos historicamente excluídos, mas também pode levar à frustração popular se as

promessas não forem atendidas. Mudde (2024) argumenta que o populismo pode servir como uma ponte para o estabelecimento de regimes autoritários, uma vez que líderes populistas frequentemente enfraquecem instituições democráticas sob a justificativa de atuar em nome da "vontade popular". Cox (2019), por sua parte, adverte sobre os perigos de uma excessiva concentração de poder em líderes carismáticos, o que pode prejudicar a separação de poderes e a governabilidade.

Nessa discussão de povo *versus* elite, é importante reforçar o papel da comunicação política, fundamental na propagação dos valores populistas. O livro *Centralidade da Comunicação* (Moraes et al., 2022) mostra como a comunicação ganhou um papel muito importante na política atual. Pesquisadores explicam que, mais do que apenas passar informações, a comunicação ajuda a formar opiniões, criar identidades e influenciar a maneira como as pessoas se relacionam com a sociedade. No caso do populismo, isso se torna ainda mais evidente: líderes populistas usam as redes sociais e outros meios digitais para falar diretamente com seus seguidores, muitas vezes ignorando a mídia tradicional. Essa forma de comunicação, mais direta e emocional, facilita a criação de discursos que colocam o “povo” contra a “elite”, reforçando a ideia de que só o líder entende o que a população realmente precisa. Assim, a comunicação deixa de ser um simples meio e passa a ser parte fundamental da forma como esses líderes ganham apoio e se mantêm no poder.

1.1.2 Os *outsiders* contra o *establishment*

Uma das características fundamentais do populismo é a presença do *outsider* político, que se posiciona como um líder distanciado das elites convencionais e pronto para desafiar o *establishment*. Mudde (2024) defende que os populistas se enxergam como os únicos verdadeiros representantes do "povo puro", em contraposição a um sistema político considerado como corrupto. Esse processo tem sido crucial para o surgimento de líderes populistas em diversos lugares do mundo em especial na América Latina e nos Estados Unidos.

A tradição do *outsider* populista nos Estados Unidos remete à era de Andrew Jackson (1829-1837), mas se solidificou no século XX com a ascensão de personalidades como Donald Trump. Cox (2017) observa que Trump conseguiu alavancar a insatisfação popular com as elites políticas e econômicas, apresentando-se como um empresário independente e de sucesso, que ignora e rejeita os princípios do sistema tradicional. Sua campanha presidencial de 2016 focou em um discurso contra os "políticos tradicionais" e contra a grande mídia, consolidando sua imagem como um outsider, apesar de sua própria posição na elite econômica. Em 2024, na

campanha que o elegeu novamente, Trump continuou apostando na disputa *outsider versus establishment*, mesmo que tenha tido apoio dos grandes nomes da indústria de tecnologia de seu país e virtualmente a elite econômica.

Casullo (2019) observa que líderes como Hugo Chávez e Jair Bolsonaro direcionaram seu foco para a descontentamento popular com os partidos tradicionais, se posicionando como verdadeiros representantes do povo contra as elites políticas. Chávez por sua vez moldou sua identidade política ao desafiar as elites da Venezuela, promovendo um modelo de "democracia participativa", que colocava em questão os fundamentos da democracia representativa considerada tradicional. De forma semelhante, Bolsonaro utilizou uma abordagem crítica ao denunciar a corrupção no governo e ao se apresentar como um líder anti-establishment, mesmo após ter atuado por anos como deputado federal (Guimarães; Silva, 2020).

A comunicação é fundamental para forma a imagem do *outsider*. Segundo a análise de Guimarães e Silva (2020), líderes populistas muitas vezes utilizam estratégias de comunicação direta com o povo, relegando a mídia tradicional a um segundo plano. Bolsonaro e Trump, por exemplo, utilizaram bastante as redes sociais para disseminar suas mensagens, contornando a mediação da mídia tradicional. Essa estratégia aumenta a percepção de genuinidade e amplia a sensação de conexão direta entre o líder e seus seguidores/população (Casullo, 2019).

A *Truth Social*, rede social criada por Donald Trump em 2021, descreve essa abordagem de comunicação direta utilizada por líderes populistas para driblar a mídia tradicional e as principais plataformas digitais. A plataforma foi promovida como um ambiente para assegurar a "liberdade de expressão" de conservadores, alegando que as grandes companhias de tecnologia silenciariam as vozes "divergentes". Ao contrário das redes sociais tradicionais, a *Truth Social* se apresenta como um ambiente que expressa a perspectiva política de Trump, reforçando seu vínculo direto com seus apoiadores e evitando a intervenção de jornalistas ou algoritmos externos (Clayton; Cabral, 2022). Essa dinâmica enfatiza a sensação de autenticidade e pertencimento entre seus seguidores, enquanto materializa a retórica de resistência ao establishment midiático e tecnológico, um aspecto recorrente no discurso de populistas de direita (Casullo, 2019).

Entretanto, a figura do *outsider* também contém contradições. Cox (2017) observa que frequentemente esses líderes não estão verdadeiramente "contra" o sistema, mas na realidade, são membros da elite que adaptam seu discurso e sua maneira de comunica para demonstrar seu "sentimento antipolítico". Assim, a retórica populista se baseia na divisão entre o povo e a elite, mas não necessariamente sugere uma verdadeira ruptura com as estruturas tradicionais de poder.

1.1.3 Os valores dos líderes populistas

A autora argentina Casullo (2019) oferece uma base teórica fundamental para compreender as sutilezas do populismo ao distinguir três categorias de líderes populistas: o empresário exitoso, o dirigente social e o militar patriota. Essa classificação não apenas auxilia na contextualização dos líderes latino-americanos, mas também simplifica a comparação com líderes populistas em diversas regiões do mundo.

Como **empresário exitoso**, pode-se mencionar Donald Trump, eleito pela segunda vez presidente dos Estados Unidos em 2024, como exemplo. O atual presidente se apresenta como um *outsider* que utiliza sua artimanha no lado empresarial para angariar votos, e promete resolver problemas complexos com soluções simples, diretas e pragmáticas. Essa figura responde a uma sociedade exausta das promessas políticas não cumpridas e do distanciamento da burocracia. Trump conseguiu apoderar-se da noção do “sonho americano”, apresentando-se como o redentor que pode recuperar a grandeza do país. Seu discurso com viés nacionalista, sustentado pelo lema “*Make America Great Again*”² desde o seu primeiro mandato, destaca a importância de recuperar postos de trabalho na indústria e limitar a imigração, formando uma narrativa que ecoa entre grupos da sociedade que se sentem excluídos pelos impactos da globalização (Cox, 2019).

Assim como Trump, outros empresários têm se destacado ao converter sua trajetória de sucesso nos negócios em uma vantagem política, prometendo utilizar práticas empresariais para enfrentar desafios do governo. No Brasil, o atual prefeito de Goiânia, Sandro Mabel, e Pablo Marçal ilustram essa tendência. Mabel, empresário na área de alimentos e político, forjou sua reputação como um administrador eficaz e prático, conectando sua atuação empresarial a pautas de crescimento econômico e criação de empregos (Fantin, 2024). Pablo Marçal, empresário e influenciador digital, emprega sua história de superação e sucesso financeiro para conquistar seguidores e divulgar sua perspectiva política, fundamentada na noção de meritocracia e autossuficiência (Schaffner, 2024). Tal como Trump, ambos aproveitam a insatisfação do povo com a política convencional, apresentando uma opção que garante respostas ágeis e eficientes,

² Tradução livre: “**Tornar a América Grande Novamente**”. Esse slogan, amplamente utilizado por Donald Trump em sua campanha presidencial de 2016, remete à ideia de restaurar a prosperidade econômica, a força militar e a influência global dos Estados Unidos, evocando um passado percebido como mais próspero e seguro.

sustentando a noção de que a vivência no setor privado pode ser um diferencial na gestão pública.

Em contrapartida, o **dirigente social** tem suas origens em movimentos populares que batalham por equidade social e direitos humanos. Utilizando-se de uma narrativa que visa representar o “povo marginalizado” e o “povo esquecido” pelas elites, esses líderes vinculam seu sucesso político à luta por justiça e inclusão (Casullo, 2019). Evo Morales é um exemplo palpável desta figura, pois sua ascensão estava diretamente relacionada à mobilização de comunidades indígena e à luta pela autonomia. Hugo Chávez, por sua vez, se posicionava como protetor dos necessitados frente às elites econômicas e políticas. Seu discurso contra o imperialismo e a ideia do “socialismo do século XXI” firmaram uma base de apoio popular, apesar das polêmicas e do aumento do autoritarismo em sua gestão (Guimarães; Silva, 2022).

A trajetória de Lula exemplifica bem esse tipo de liderança, marcada por uma história dentro da política profundamente entrelaçada com os desejos do povo e a luta por uma sociedade mais igualitária. Ex-metalúrgico e vindo do movimento sindical, Lula solidificou sua imagem como porta-voz dos trabalhadores, elaborando uma narrativa que priorizava a inclusão dos mais humildes e a redução das disparidades sociais. Sua ascensão ao poder foi consequência da sua habilidade de se comunicar com os operários e grupos progressistas, oferecendo uma abordagem que unia progresso econômico e expansão dos direitos sociais fundamentais. Durante seus mandatos, programas como o Bolsa Família foram essenciais para consolidar sua visão de proteção aos carentes, reforçando a ideia de que o governo deve agir ativamente para corrigir injustiças históricas. Assim como Evo Morales e Hugo Chávez, Lula utilizou um discurso que desafiava as classes dominantes, buscando mobilizar grupos marginalizados e reiterando o papel do Estado na promoção do bem-estar comum (Guimarães; Silva, 2022).

Por fim, o **militar patriota** é uma figura que frequentemente ressurgue em situações de crise, impulsionando uma narrativa de segurança e estabilidade. Essa categoria se ressalta em governantes como Augusto Pinochet no Chile, que utilizou o temor do comunismo e a garantia de estabilidade para legitimar medidas autoritárias. A retórica bélica é evidente em vários líderes populistas, manifestando um anseio por restaurar a ordem em tempos de crise. No Brasil, um caso emblemático recente é justamente de Jair Bolsonaro.

Ao longo de sua carreira, o ex-presidente moldou sua imagem política sustentado em sua vivência militar e na exaltação de princípios como ordem, respeito à pátria e cumprimento de regras. Valendo-se de sua antiga experiência de capitão, ele usou sua passagem pelo Exército para se mostrar como um governante apto a enfrentar a corrupção, a criminalidade e as chamadas ideologias nocivas ao país. Na corrida pela Presidência, Bolsonaro constantemente

recorreu a referências militares, enaltecendo o regime militar de 1964 e defendendo o papel das Forças Armadas na manutenção da segurança do Brasil. Essa postura foi fundamental para angariar o apoio de grupos militares, que assumiram postos importantes em sua administração, aumentando o poder das Forças Armadas no governo e consolidando a percepção de que seu governo simbolizava uma volta à normalidade num contexto de instabilidade (Bonifácio; Machado; Madeira, 2018).

A retórica populista ainda utiliza o medo e a insegurança como justificativa para medidas autoritárias. Mudde (2024) alerta que líderes populistas frequentemente deduzem que a sociedade está sob risco, seja por grupos externos, por corrupção interna ou por uma "agenda globalista" destinada a desestabilizar a identidade nacional. Essa abordagem é especialmente eficiente em garantir apoio popular e legitimar a concentração de poder nas mãos do líder.

Desse modo, os valores dos líderes populistas não são consistentes, mas mudam conforme o contexto político e ideológico. Seja por meio da promoção de uma identidade popular progressista ou pela defesa de uma perspectiva conservadora da sociedade, o populismo permanece um fenômeno dinâmico e adaptável, apto a mobilizar diversos setores sociais em variadas circunstâncias históricas.

1.2 O POPULISMO E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O crescimento do populismo e a deterioração da globalização têm favorecido o desgaste da democracia em várias regiões do mundo. De acordo com Cox (2019), líderes populistas muitas vezes exploram as falhas percebidas da globalização para impulsionar agendas nacionalistas e antielitistas, contestando instituições democráticas consolidadas. Esse fenômeno se manifesta por meio de ações políticas que desafiam os fundamentos democráticos convencionais, provocando um desgaste aos poucos das liberdades civis e dos direitos políticos. Ademais, congregando os três elementos do conceito de populismo discutidos nas últimas subseções, pode-se dizer que os líderes populistas frequentemente se apresentam como advogados de certos valores que, em suas narrativas, representam o verdadeiro interesse do povo. Contudo, os valores defendidos pelo populismo diferem consideravelmente dependendo do cenário político e ideológico em que estão inseridos.

Na América Latina, figuras populistas de **pensamento esquerdista**, como Hugo Chávez e Evo Morales, enfatizaram princípios como equidade social, justiça e oposição ao imperialismo. Casullo (2019) observa que esses líderes buscaram construir uma identidade popular que incluísse grupos que, ao longo da história, foram marginalizados, como

agricultores, trabalhadores e comunidades indígenas. Essa construção identitária muitas vezes se conectou a um nacionalismo intenso, perceptível na retórica de Morales, que promovia a valorização das culturas indígenas e destacava a resistência à exploração de recursos naturais por corporações estrangeiras.

Tanto nos EUA quanto na Europa, figuras proeminentes do populismo de esquerda direcionam suas falas para a busca por justiça social e para a diminuição das diferenças gritantes entre as classes. Um exemplo marcante é Bernie Sanders, que ganhou notoriedade na cena política estadunidense ao propor um sistema de saúde acessível a todos, uma tributação maior para os mais ricos e maior amparo à população de baixa renda (Ballotpedia, 2020). Tal qual Chávez e Morales, Sanders ergueu sua figura política realçando a batalha contra o *status quo* e a influência das grandes corporações, angariando o apoio daqueles que se sentiram prejudicados pelo neoliberalismo, como os trabalhadores com salários baixos e os universitários cheios de dívidas (Sanders, 2025). Suas campanhas para a presidência consolidaram a noção de que um governo mais presente e focado no bem-estar da população poderia confrontar o poder das grandes companhias e atenuar a desigualdade financeira nos Estados Unidos (Casullo, 2019).

Por outro lado, o **populismo de direita** tem se associado a princípios conservadores, incluindo segurança, ordem e nacionalismo. Guimarães e Silva (2020) destacam que a candidatura de Jair Bolsonaro no Brasil estava intimamente ligada à promoção de valores tradicionais, como família, religião e patriotismo. Esse tipo de discurso cativou uma base eleitoral majoritariamente formada por grupos conservadores e setores descontentes com os partidos convencionais. Da mesma forma, Donald Trump adotou uma abordagem de "America First" para fortalecer um nacionalismo econômico e uma narrativa contra a imigração (Cox, 2017).

No Brasil, além de Bolsonaro, outras personalidades da direita também se sobressaíram ao empregar discursos populistas com intenso apelo a princípios conservadores. O deputado federal Nikolas Ferreira, do Partido Liberal (PL) de Minas Gerais, destacou-se como um dos políticos mais votados do país ao usar uma retórica focada na defesa da família tradicional, na resistência a propostas progressistas e na crítica frequente ao que ele denomina “doutrinação ideológica” nas instituições de ensino. Sua atuação nas redes sociais foi crucial para sua ascensão, possibilitando a mobilização de um público jovem e ativo, em grande parte sintonizado com o conservadorismo moral e político.

Na Europa, o crescimento de partidos populistas em torno de questões como imigração e nacionalismo pode ser visto como uma resposta à sensação de indiferença das elites em relação às demandas do povo. Líderes como Marine Le Pen na França, por sua vez, utilizam a

retórica anti-imigração para fortalecer sua base de apoio, espelhando os receios de uma população preocupada com sua identidade cultural.

Na Hungria, Viktor Orbán e seu partido *Fidesz* transformaram o país em uma "bolha" do nacionalismo conservador, promovendo uma agenda que desafia os valores fundamentais da União Europeia. Sua administração tem acionado políticas que consolidam um modelo de governo iliberal, marcado pela centralização do poder e pelo enfraquecimento das instituições democráticas, algo que estudiosos identificam como uma “urbanização” da Hungria (EL PAÍS, 2022). Além disso, o governo húngaro tem se destacado por sua oposição à imigração e pelo reforço de políticas que visam proteger a “cultura cristã” do país, em um movimento alinhado ao populismo de direita europeu (Nuso, 2023).

Em Israel, Benjamin Netanyahu igualmente se alinhou a correntes nacionalistas populistas, formando parcerias com líderes da extrema-direita europeia e utilizando uma retórica de segurança e patriotismo para fortalecer seu domínio (Ihu Unisinos, 2018). Seu governo enfrenta críticas por infringir as instituições democráticas, com milhares de israelenses protestando nas ruas contra suas políticas e pedindo mudanças no cenário político interno (The Guardian, 2025).

Cox (2019) expressa preocupações sobre a degradação das instituições democráticas provocada pelo populismo. Ele sustenta que o surgimento de líderes populistas pode levar à concentração de poder, comprometendo as instituições de supervisão e a divisão de poderes. Assim, essa circunstância não somente afeta a governabilidade e a estabilidade política, mas pode também levar a crises de legitimidade, quando o governo é visto como um mero reflexo da vontade de um líder, em vez de uma experiência conjunta que inclui a participação dos cidadãos.

Relatórios recentes demonstram um significativo declínio na qualidade democrática globalmente. De acordo com uma análise publicada pela DW (2023), grande maioria da população mundial enfrentou retrocessos na democracia nos últimos cinco anos, destacando uma tendência preocupante de crescimento do autoritarismo e diminuição da participação da população nos processos políticos. Essa deterioração é causada por fatores como corrupção, restrições à liberdade de imprensa e manipulação nas eleições, que impactam a integridade das democracias. No contexto brasileiro, a vitória de Jair Bolsonaro em 2018 demonstra o crescimento de líderes populistas de direita. Bonifácio et al. (2022) observam que elementos como antipetismo, alinhamento com ideologias de direita e vinculação religiosa evangélica foram cruciais para o respaldo a Bolsonaro. Na Argentina, Milei seguiu o mesmo caminho.

1.2.1 Breves apontamentos sobre o Brasil e a Argentina de Bolsonaro e Milei: de candidatos a presidentes

O resultado da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, foi uma ruptura significativa dentro do cenário político brasileiro. Desde sua eleição, o governo Bolsonaro tem sido rotineiramente analisado sob a lente do populismo, um espectro de discursos políticos criados a partir da adoção de uma retórica de uma luta de dualismo entre elite e povo, conforme discutido no capítulo anterior. A dualidade do populismo não apenas informa o discurso governamental, mas também afeta a política e a dinâmica social no país, revelando uma crise de representatividade e um aprofundamento da polarização.

A carreira política de Jair Bolsonaro teve início em meados da década de 1980, após um longo percurso nas fileiras do Exército, no qual se especializou como paraquedista e mergulhador. Em 1986, atuando ainda na condição de capitão, publicou pela revista “Veja” um artigo intitulado “O salário está baixo” criticando a remuneração da corporação militar, o que levou à sua prisão por indisciplina. A polícia civil de São Paulo, dois anos depois, o acusou de planejar atentados a bombas em unidades militares como precursora de uma rebelião para reivindicar aumentos salariais negociados, como foi reportado pela revista mencionada acima. Bolsonaro negou as acusações, mas o episódio consolidou sua imagem de figura polêmica desde o início de sua vida pública (Silveira, 2017).

Em 1988, Bolsonaro foi eleito vereador do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão. Com essa vitória, iniciou-se sua carreira política. Dois anos depois, em 1990, ele foi eleito deputado federal. O ex-presidente manteve o cargo por sete mandatos consecutivos. Participou da proposição de 172 projetos de lei, dos quais apenas dois foram aprovados. Suas ideias eram em sua maioria voltadas a interesses militares e de segurança pública. Além disso, sua trajetória foi marcada por declarações controversas e mudanças partidárias frequentes, passando por partidos como Partido do Povo Brasileiro (PPB), Partido Progressista Reformador (PPR), Partido da Frente Liberal (PFL), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Progressista (PP), Partido Social Cristão (PSC) e, finalmente, Partido Social Liberal (PSL), pelo qual concorreu à presidência em 2018 (Potter, 2018).

O ingresso de Bolsonaro na presidência foi marcado por um discurso conservador e nacionalista, que ecoou entre grupos descontentes com a política tradicional. Alguns de seus principais pontos de abordagem incluíam críticas em relação a políticas de gênero, apologia da ditadura militar e declarações controversas acerca de direitos humanos. Por esses motivos,

foram abertos mais de 30 processos de cassação ao longo de sua carreira, o que evidenciava o clima de divisão de sua figura pública (Silveira, 2017).

Bolsonaro surgiu em um momento de descontentamento generalizado com o *establishment* político, como resultado dos escândalos de corrupção que abalaram o país. Devido à Operação Lava Jato, iniciada em março de 2014, revelou-se um esquema bilionário de corrupção instalado na Petrobrás, envolvendo políticos e grandes empreiteiras. O desvio de dinheiro público e recebimento de propinas foram desvendados em centenas de condenações e acordos de delação premiada de envolvidos na trama (Santos, [s.d.]). O amplo envolvimento da mídia e os bilionários valores roubados da maior empresa do país tornaram perene a imagem do esquema de corrupção e perturbaram a confiança do público nas lideranças governamentais clássicas (Silva, 2024).

Esse cenário de suspeita generalizada abriu espaço para a ascensão de líderes que se colocaram como “*anti-establishment*”, como Jair Bolsonaro, que capitalizou o descontentamento popular para se projetar politicamente. entre outros fatores, sentia-se uma desaprovação “em massa” em relação às lideranças tradicionais. Este cenário de desconfiança gerou uma aceitação de líderes alternativos de maneira radical e aceitável (Mudde, 2019; Casullo, 2020).

Já na Argentina, a ascensão de Javier Milei ao poder em 2023 é um reflexo do ponto de inflexão ocorrido na política do país, caracterizado pela violação dos padrões institucionais estabelecidos e pela consolidação de um discurso populista radical de direita. O sucesso eleitoral do candidato deve ser visto como parte de um contexto que inclui crises econômicas duradouras, crescente desconfiança da população em relação às elites políticas tradicionais e desilusão com o sistema político atual. Segundo Smink (2023), Milei emergiu precisamente como um perturbador da ordem porque sua retórica anti-establishment foi capaz de direcionar décadas de descontentamento acumulado. Como resultado, ele ganhou apoio com a promessa de destruir “a casta política”, uma gíria comum usada para se referir às elites que ele culpou pelo colapso do país. Novamente, é semelhante à eleição de Jair Bolsonaro no Brasil; ele também venceu uma campanha em 2018 com um tom antissistema e a promessa de “nova política”, e por um forte apelo a valores liberais na economia e conservadores nos costumes.

Como mencionado, o colapso econômico argentino é uma questão estrutural e de longo prazo. Na verdade, Nakagawa (2023) argumenta que, nos últimos 20 anos, todos os presidentes argentinos encerraram seus mandatos em níveis de inflação mais altos do que no início. Isso se deve à instabilidade fiscal e à desvalorização recorrente. No entanto, a crise piorou de 2019 a 2023, com uma inflação anual superior a 140%, um aumento na pobreza e uma diminuição no

poder de compra da população. David, Milan e Nascimento (2019) afirmam que a política econômica se caracterizou por subsídios insustentáveis, déficits fiscais e más intervenções no mercado cambial. Como resultado, ambos os partidos, kirchneristas e a oposição tradicional, foram enfraquecidos por uma situação de falência macroeconômica. Isso permitiu o desenvolvimento do espaço político para as candidaturas não convencionais.

A hegemonia peronista, que venceu quatro das últimas cinco eleições presidenciais (Marcolino, 2023), também se desgastou diante da percepção de corrupção e ineficiência. Uribe (2023) afirma que o avanço da direita é explicado em parte pelos equívocos da esquerda, que não foi capaz de oferecer uma solução eficaz à crise socioeconômica. Este desgaste foi capitalizado por Milei sob um discurso que rejeita o peronismo e a direita tradicional, posicionando-se como um outsider radical e libertário. De acordo com Ramírez e Cachés (2022), Milei incorpora elementos de um “populismo antipolítico” quando propõe queimar bancos centrais, dolarizar a economia ou extinguir os ministérios, ideias que soam extremas, mas que encontraram eco em um eleitorado exausto.

A trajetória da construção da imagem de Milei como líder populista de extrema-direita é um combinado de performance, retórica e ideologia. Ele se apresenta como o único capaz de falar a verdade, função de ataque a privilégios e restaurador de liberdade para o indivíduo. Aspectos que levam a um discurso maniqueísta entre “povo honesto” e “casta corrupta” (Smink, 2023). A carreira de Milei nas redes sociais, nos canais de televisão e nas ruas mostra uma relação particular com a comunicação emocional, com gestos teatrais e falas provocativas (Franco, 2023). Conforme Sendra e Marcos-Marneb (2024), esse modelo de liderança populista se ancora numa lógica de guerra cultural, antagonizando feminismo, ambientalismo, justiça social e outros pilares do progressismo, que são apresentados como inimigos da liberdade e da ordem. No capítulo seguinte, a análise comparativa entre os dois casos será retomada, considerando o momento em que ambos assumiram a presidência de seus respectivos países.

2 BRASIL DE BOLSONARO E ARGENTINA DE MILEI

Neste capítulo, pretende-se realizar uma análise comparativa dos governos de Jair Bolsonaro no Brasil e Javier Milei na Argentina, a partir das três dimensões centrais sobre o populismo apresentadas na seção anterior: a oposição entre o povo e a elite, o líder *outsider* e os valores utilizados para legitimar o discurso e a prática política. Ambos os casos integram um fenômeno maior, o surgimento do populismo de direita na América Latina e a propagação de líderes carismáticos e antissistema em um contexto marcado por crises institucional, econômica e representativa.

No caso brasileiro, Jair Bolsonaro guiou seu discurso presidencial por meio de uma forte polarização, que opunha um “povo de bem” a uma “elite corrupta” e à esquerda, tida como ameaça à família tradicional. Embora tivesse uma longa carreira política como deputado, Bolsonaro conseguiu criar a imagem de um *outsider* político e autenticar-se como um defensor dos interesses do povo em pé de guerra com o *establishment*. A base ideológica do seu discurso deu-se pelo nacionalismo, expressado em sua oposição hiperbólica aos comunistas, pelo conservadorismo moral e autoritarismo simbólico. Ele duvidou sistematicamente da legitimidade e da moralidade de instituições políticas tradicionais no Brasil, como o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal (STF) e a mídia. Ademais, o uso das redes sociais foi crucial para a forma como esses líderes interagiam com a população. Afastados dos discursos prontos e diretos, sem utilizar os canais tradicionais, utilizam uma prática política discursiva de confronto e discursos simplificados sobre problemas complexos, aproximando-se dos anseios de quem se sente excluído ou desgastado pelo discurso político tradicional.

Na Argentina, a ascensão de Javier Milei ao cerne do debate público também não deve ser percebida como um fenômeno isolado. Ao contrário, é uma manifestação de uma crise de confiança generalizada nas instituições e nos políticos que estão no poder há décadas. Apesar do fato de que Milei é apresentado como um economista liberal, Ramírez e Cachés (2022) Milei representa o desabafo de uma sociedade frustrada, que encontrou nele, um líder carismático, egocêntrico e ferozmente crítico ao sistema, uma promessa de mudança. Sua campanha foi construída em torno de um discurso de salvação nacional, com promessas de romper com as estruturas existentes e devolver o poder ao povo por meio de reformas radicais.

Neste capítulo, aprofundar-se-á em como Bolsonaro e Milei constroem e usam narrativas populistas em seus países. Serão analisadas as estratégias que adotam, os valores que defendem e os efeitos que suas lideranças provocam tanto internamente quanto nas relações internacionais de Brasil e Argentina.

2.1 O EMBATE ELITE *VERSUS* POVO

O conflito entre elite e povo, conforme discutido no capítulo anterior, é um tema central do populismo, por isso relevante para análise do caso Bolsonaro e Milei. Como sugere o cientista político Mudde (2019), o populismo é uma ideologia baseada na noção de que há um “nós” e um “eles”, o povo impuro e a elite corrompida. Embora a retórica populista de Bolsonaro e Milei se baseie muito nessa dicotomia, acentua a imagem de ambos como representantes reais dos anseios de sua população, opondo o candidato a um bando de elites abusando de seu poder. Esse discurso foi utilizado tanto na campanha quanto na sua gestão, criando um ambiente de confronto constante, que legitimaria suas ações em nome da vontade popular.

2.1.1 O embate elite versus povo no caso brasileiro: a articulação discursiva de Bolsonaro

Bolsonaro explorou profundamente a insatisfação do que ele denominou “povo”. Elementos robustos de insatisfação, acumulados ao longo dos anos, predeterminaram o surgimento de sua candidatura. Tais manifestações, como as Jornadas de Junho em 2013, serviram como força por trás dessa insatisfação, marcando a necessidade de mudança e renovação política. O antipetismo e a aversão a práticas engessadas da política foram essenciais na junção do apoio que Bolsonaro foi capaz de angariar nas urnas (Rennó, 2020).

De fato, as Jornadas de Junho de 2013 marcaram a história política brasileira como um momento de evidente insatisfação da população com os serviços públicos e a classe política. Embora seu estopim tenha sido o aumento das tarifas de transporte público, as manifestações logo adotaram uma variedade de bandeiras e expressaram insatisfação com os rumos do governo Dilma Rousseff (2011-2016). Em última instância, as manifestações foram apelos de longa data para as deficiências da qualidade dos serviços públicos, a corrupção e a crise de representatividade na democracia brasileira. A repressão policial violenta intensificou a indignação dos manifestantes, ampliando a adesão aos atos e consolidando um cenário de desconfiança em relação às instituições governamentais (Haddad, 2023).

O descontentamento, por sua vez, foi amplificado no ano de 2014, quando explodiu a Operação Lava Jato. Tais escândalos, cuja divulgação foi coordenada pela grande imprensa nacional, explicitaram uma série de práticas ilícitas que minaram a confiança da população sobre as lideranças governamentais, notadamente em relação ao PT, partido da presidente Dilma Rousseff. Sendo assim, o sentimento antipetista foi evidenciado com a repercussão dos

escândalos noticiados pela mídia de massa e pela postura de líderes de esquerda a favor do governo (Oshima; Soprana, 2016).

Esse sentimento, que foi intensificado pelas revelações da Lava Jato e pelo mau desempenho da ex-presidente Rousseff, ocasionaram um enfraquecimento do partido, tornando-se um dos vetores mais evidentes nas eleições seguintes. Em 2018, a disputa presidencial brasileira foi marcada por uma polarização incomum, uma vez que o antipetismo foi um elemento central da campanha e usado por adversários em vários contextos políticos. O deputado federal Jair Bolsonaro em campanha para presidente prometeu combater a corrupção. Sua retórica encontrou ressonância em um eleitorado desiludido e pedindo por mudanças (Mendonça; Agostine; Fernandes; Lima 2018).

A ascensão de Bolsonaro ao poder é a comprovação do êxito da estratégia de capitalização do sentimento antipetista e do descontentamento popular que se manifestara na Jornadas de Junho. A sua campanha foi capaz de direcionar a repulsa generalizada ao ‘mecanismo’, apresentando-se como uma alternativa ao estabelecimento político e prometendo uma nova maneira de governar. Seu discurso anticorrupção congruente com as elevadas demandas por mudança que emergiram em 2013 e a sua capacidade de explorar as fraquezas indicadas pela Lava Jato foram cruciais para tornar possível a eleição de Bolsonaro (Aggio, 2022).

Ao longo de sua campanha pela Presidência, Bolsonaro manteve uma relação antagônica com as instituições tradicionais, nesse caso o Congresso Nacional e a mídia, e uma comunicação mais direta pelas redes sociais com seus seguidores. A estratégia de comunicação expandiu não só sua base de apoio, como também fortaleceu o discurso de autenticidade e contato direto com as pessoas, enquanto marginaliza as vozes das elites “desconectadas” (Guimarães; Silva, 2021). Essa forma de deslegitimação das instituições e figuras tradicionais consolidou sua imagem como um “outsider” na política.

Além disso, o uso de redes sociais desempenhou um papel crucial na propagação dessa narrativa. Pereira (2021) argumenta que Bolsonaro e seu comitê usaram o *storytelling* no *Twitter* para retratá-lo como um líder forte e político de fora. Mensagens intrigantes que também estava nas redes sociais em alta como a corrupção, a segurança pública e o conservadorismo, solidificou sua base de apoio e o ajudou na corrida presidencial. Esta abordagem comprometeu-o com os meios convencionais, que ele se dizia ser contra, e consolidasse um vínculo emocional com seus eleitores.

A polarização da política brasileira, que alcançou novos patamares sob seu governo, é uma característica inerente ao populismo. A linguagem de Bolsonaro, que sistematicamente

provoca um confronto entre o povo e as elites, não apenas agrava divisões sociais existentes, mas também torna a confrontação inevitável. Mudde (2019) argumenta que tal orientação populista não só simplifica realidades políticas complicadas, mas também justifica ações que podem ser fundamentalmente opostas à democracia, incluindo ataques a instituições ou liberdade de imprensa.

Ao longo de seu governo, Bolsonaro sistematicamente atacou vários grupos da sociedade, seja no âmbito discursivo, por meio de falas altamente questionáveis, seja no âmbito institucional, por meio de medidas repressivas, retratando-os como ‘outros’ que dificultam e se opuseram aos valores da “nação”. Entre os primeiros alvos, estavam as mulheres. Contudo, o presidente frequentemente empregou uma retórica agressiva e de deslegitimação, que visou minar o papel das mulheres como trabalhadoras e as tentativas de se envolver na esfera pública (Maria, 2021).

Por outro lado, a esquerda em geral foi sistematicamente considerada uma inimiga do governo e da ordem. Um pronunciamento de Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente da República, em vídeo publicado nas redes sociais foi um exemplo em que ele critica professores por alegada doutrinação de ideologia de esquerda nas escolas (Leitão, 2020). Porém, esse discurso é construído em torno da relação binária de “nós” contra “eles” entre o governo defensor dos “bons costumes e da moral” e a esquerda, representante do “caos, da corrupção e da destruição dos valores nacionais”. Em outras palavras, mobiliza afetos negativos, como medo e ressentimento, para emendas adesão política baseada em seu próprio desagrado e não em propostas concretas (Ferreira, 2020).

Outro grupo extremamente marginalizado foi a população LGBTQIA+. Durante o governo Bolsonaro, essa população passou a ser vítima de ataques com base em discursos de família e sexualidade conservadores. De acordo com Santos (2020), o discurso formado pelo bolsonarismo cria uma moral dura, que afasta aqueles que tem identidades diferentes. Assim, em nome da “defesa das crianças e dos valores”, a população LGBTQIA+ se tornou uma ameaça à infância e aos valores da sociedade brasileira. Essa atitude pode ser vista, por exemplo, nas conversas sobre educação sexual nas escolas, quando o governo acusou os professores de ensinar uma suposta “ideologia de gênero”, ignorando a importância de falar sobre diversidade e respeito dentro do ambiente escolar.

O ataque à educação foi um dos pilares do governo Bolsonaro. O professor, a universidade e o intelectual foram transformados em um inimigo do país, acusados de serem manipulados e de serem responsáveis pela doutrinação de seus alunos e pela suposta hegemonia da esquerda nas ideias e na cultura. Assim, como ressalta Silva e Santos (2020) o governo

apostou num discurso de “escola sem partido” como forma de controlar e censurar o pensamento crítico nas escolas e universidades. Essa estratégia tenta enfraquecer a autonomia das universidades e diminuir a confiança na produção de conhecimento, favorecendo uma visão de mundo baseada em valores conservadores e religiosos.

Finalmente, a crítica à globalização e seus defensores também foram temas dos discursos presidenciais. Por exemplo, ao falar nas Nações Unidas, Bolsonaro vinculava o globalismo a um projeto de dominação internacional que ameaça a soberania nacional e os valores cristãos. O presidente afirmava que o multilateralismo e até mesmo os direitos humanos são usados como mecanismos de imposição cultural pela elite global, defendendo que tal dinâmica oprime os interesses de países como o Brasil. Segundo Oliveira (2020), esse tipo de discurso tem forte apelo populista e nacionalista, que constrói um inimigo externo para justificar medidas autoritárias e isolacionistas.

A crise do multilateralismo é um dos fenômenos centrais na reconfiguração da ordem internacional contemporânea e impacta diretamente os discursos e práticas dos líderes populistas e de extrema-direita, como Jair Bolsonaro e Javier Milei. Ambos instrumentalizam essa crise como parte de suas narrativas soberanistas, antiglobalistas e antissistema, utilizando-a tanto como justificativa para seu isolamento diplomático seletivo quanto como reforço da retórica contra as chamadas “elites globalistas”.

De acordo com Eggel e Galvin (2021), a crise do multilateralismo não é apenas conjuntural, mas estrutural, e decorre de uma série de fatores interligados. Entre eles, destacam-se a crescente desigualdade global, a percepção de que as instituições internacionais reproduzem hierarquias de poder em benefício das grandes potências, a incapacidade dos organismos multilaterais de responder de forma eficaz a desafios globais (como mudanças climáticas, pandemias, fluxos migratórios e guerras híbridas) e, sobretudo, o retorno de uma lógica de competição interestatal marcada pelo ressurgimento do nacionalismo e do unilateralismo.

Oliveira (2021) complementa essa análise ao destacar que a crise do multilateralismo reflete, em grande medida, o esgotamento do modelo de governança internacional baseado nas premissas do pós-Segunda Guerra. As organizações internacionais, estruturadas sob lógicas hierárquicas, com peso decisório desproporcional para algumas potências (como o Conselho de Segurança da ONU), tornaram-se alvos de críticas tanto por sua ineficácia quanto pela falta de democratização de seus processos decisórios.

Essa percepção gera um duplo movimento, de um lado, a desconfiança e o afastamento dos Estados periféricos, que percebem o sistema como excludente; de outro, o ataque aberto

por parte de lideranças populistas, que denunciam o multilateralismo como uma ameaça à soberania nacional. Tanto Bolsonaro quanto Milei mobilizam esse discurso, apresentando instituições como a ONU (Organização das Nações Unidas), o Mercosul, a OMC (Organização Mundial do Comércio) e outros fóruns multilaterais como entraves à plena autodeterminação de seus países e como espaços capturados por agendas progressistas, ambientalistas e globalistas, vistas por eles como incompatíveis com seus projetos de poder.

Vieira (2021) aprofunda essa reflexão, indicando que o enfraquecimento do multilateralismo está diretamente associado à fragmentação da ordem liberal internacional, à ascensão de potências revisionistas, como China e Rússia, e à crise do próprio Ocidente enquanto fiador dessa ordem. Soma-se a isso a erosão da confiança pública no valor do multilateralismo, intensificada por crises econômicas, pela desinformação e pelo avanço de discursos nacionalistas.

Uma pesquisa elaborada por Albuquerque e Lima (2023), reforça que o atual cenário internacional se caracteriza pela transição de uma ordem global centrada no multilateralismo para uma lógica cada vez mais baseada na competição estratégica, na formação de alianças ad hoc e na priorização de interesses nacionais em detrimento de soluções coletivas. Esse cenário favorece exatamente o tipo de política externa defendida por governos populistas de direita, que rejeitam qualquer forma de integração que limite sua soberania, seja no campo econômico, pandemias, ambiental, migratório ou de direitos humanos. Esse enfraquecimento se acentua quando líderes como Bolsonaro e Milei constroem sua legitimação política a partir da rejeição ativa a esses fóruns multilaterais, que são apresentados como espaços de imposição de valores contrários à soberania nacional.

No caso brasileiro, isso se materializou na constante retórica antiglobalista do governo Bolsonaro, nos ataques à ONU (Organização das Nações Unidas), à OMS (Organização Mundial da Saúde), ao Acordo de Paris e ao Mercosul, além da recusa em participar ativamente de fóruns multilaterais quando estes defendiam pautas consideradas “ideológicas” por seu governo. No caso argentino, Milei levou essa lógica a um patamar ainda mais radical, ao manifestar sua intenção de se afastar do Mercosul, de não ingressar nos BRICS e de priorizar relações bilaterais alinhadas exclusivamente aos Estados Unidos e a Israel, em detrimento das dinâmicas multilaterais tradicionais na América Latina e no sistema internacional.

Portanto, a crise do multilateralismo não é apenas um pano de fundo, mas um elemento central que alimenta e, ao mesmo tempo, é alimentado pelas dinâmicas políticas do populismo de direita e da extrema-direita. Esse cenário aponta para uma ordem internacional mais fragmentada, marcada pela erosão das normas compartilhadas, pela substituição da diplomacia

multilateral pela lógica da força e da barganha bilateral, e pela legitimação de projetos políticos autoritários, soberanistas e excludentes.

Compreender a crise do multilateralismo é fundamental para entender não apenas o contexto em que emergem lideranças como Bolsonaro e Milei, mas também os impactos que seus governos produzem na ordem internacional, no enfraquecimento das instituições de governança global e na consolidação de uma política externa que rejeita a cooperação, o diálogo e a busca por soluções coletivas.

Tais ataques se agravaram durante a pandemia do COVID-19, quando o governo minimizou a crise da saúde veiculando discursos de resistência à “histeria” das elites profissionais e sanitárias: a narrativa de Bolsonaro comunicava uma forma de antipolítica, ou seja, ao rejeitar os mais rigorosos apontamentos dos profissionais da saúde e promover remédios não provados pela ciência, o presidente reforçava sua imagem de defensor dos “verdadeiros” interesses do povo (Ortega; Orsini, 2020). Esse comportamento, longe de ser inofensivo, resultou em uma grande desconfiança em relação às instituições de saúde, à comunicação e à ciência, o que abre espaço para crises de legitimidade que podem comprometer a saúde da democracia.

Além do mais, Ortega e Orsini (2020) analisam que, durante o período da pandemia, o discurso bolsonarista fez uso de uma espécie de antipolítica, pois a resistência a seguir as recomendações dos profissionais de saúde e a defesa de “tratamentos” sem efeitos comprovados, como a cloroquina, reiteravam a imagem do presidente como único capaz de representar os “verdadeiros interesses do povo”. Desse modo, a confiança em instruções como de entidades fundamentais do Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS), da Organização Mundial da Saúde (OMS) e conselhos científicos foi minada, tornando as pessoas vulneráveis à disseminação de notícias manipuladas e teorias da conspiração. A desconfiança promovida pelo governo não apenas comprometeu a eficácia das respostas institucionais à pandemia, mas também gerou consequências duradouras na percepção da ciência e da saúde pública no país.

No governo de Jair Bolsonaro, a retórica discursiva que constrói o “nós” focou na figura do “cidadão de bem”, o verdadeiro “povo” do Brasil. A identidade coletiva foi construída em torno dos valores do conservadorismo cristão, da família tradicional e de um nacionalismo antiglobalista populista. Bolsonaro criou uma imagem de ser moralmente superior e promoveu narrativas que geraram divisões simbólicas sobre quem ou não faz parte da “verdadeira nação”.

Na construção simbólica, a relação de Bolsonaro com o conservadorismo cristão, principalmente evangélico, foi a de um presidente escolhido por Deus, investido da missão de proteger os valores morais da sociedade brasileira. Essa consagração simbólica ganhou força

principalmente em eventos religiosos, a partir dos quais a sua imagem ganhou força associada a uma missão divina. De acordo com Cardozo (2023), Bolsonaro usou o pretexto religioso o seu favor, a fim de capturar o apoio das igrejas evangélicas, reafirmando compromissos com bandeiras como a criminalização do aborto, da “ideologia de gênero” e a favor de uma certa “moral cristã”. A relação entre religião e política não só abençoou sua figura como legítima diante daqueles com posições mais conservadoras, como também ajudou a desqualificar aqueles que procediam de lógicas opostas como “inimigos da pátria e dos bons costumes”.

A defesa da família tradicional se mostrou determinante para a conformação do “nós” bolsonarista. A todo momento, o governo reforçava a concepção de que a família composta por pai, mãe e filhos era a única concebível, deslegitimando os demais arranjos familiares. Ao comentarem sobre a simbologia envolvente desse discurso, Martins e Alves (2022) enfatizaram que ela se mostrou crucial para a mobilização eleitoral, sendo propagado inclusive no slogan da campanha de Bolsonaro: “Deus, pátria e família”. A exaltação desse modelo familiar não somente fortalece padrões da heteronormatividade e patriarcais, mas também é usada como um demarcador moral para discriminar os “bons cidadãos,” ou seja, aqueles que seguem os papéis de gênero e sexualidade tradicionais, e o “diferentes”, como feministas, LGBTQIA + e defensores da diversidade familiar.

Finalmente, o projeto de construção do “nós” se completou no nacionalismo excludente, uma vez que se traduz em resistência à globalização. Para Bolsonaro, as instituições internacionais como a ONU ou acordos multilaterais eram “inimigos” porque representavam ameaças à soberania nacional. De acordo com Oliveira e Santos (2021), em suma, Bolsonaro critica a ideia de valores estrangeiros ao povo brasileiro, corrompendo nossas instituições em defesa de seus próprios interesses. Em atos públicos, o presidente, em suas palavras, disse que “não existe essa história de globalismo” e que o Brasil precisava se proteger em torno de sua cultura, valores e fé acima de qualquer pacto internacional (Sandenberg, 2019). O cidadão de bem é, portanto, aquele que repudia veemente as agendas globalistas, enxerga a nação como cristã e, portanto, precisa estar preparado para proteger.

Portanto, o “nós” no governo Bolsonaro ocorre pela interseção entre religiosidade, moralidade e nacionalismo. Não se trata de aglomerado de valores conservadores, mas de uma identidade política que ativamente exclui qualquer um que não se adira a tal. Por meio da construção de cidadão de bem, o bolsonarismo cria um campo simbólico de batalha, onde política é baseado na fé e moral, e onde a nação é somente quem adere a isto.

Deste modo, o governo Bolsonaro, em sua dinâmica populista, transforma o embate entre elites e povo em uma ferramenta de governança que não só mobiliza apoio, mas também

arrisca desestabilizar as instituições democráticas. O uso dessa retórica, aliado a ações que minam estruturas tradicionais de poder, evidencia um ciclo contínuo de polarização que pode repercutir na coesão social e no enfraquecimento da democracia no Brasil.

2.1.2 Elite *versus* povo no discurso de Milei

Um dos atributos fundamentais do discurso populista é a luta entre a elite imoral e o povo honrado. É precisamente nessa narrativa que Javier Milei constrói sua identidade política. Milei conseguiu popularizar a palavra “casta”, com a qual ele se referia a políticos, sindicalistas, jornalistas e funcionários públicos que, de acordo com ele, tiram dinheiro do povo e não fazem nada de útil. A partir desses discursos, a “casta” funciona como um sinônimo de tudo o que não funciona na Argentina: corrupção, fraude, desperdício, privilégios e crises econômicas (CNN Brasil, 2023).

A abordagem causa-efeito pode ser observada principalmente ao usar a palavra de forma repetida e agressiva. Assim, Milei divide os dois lados, um dos quais é um povo trabalhador que foi enganado e explorado, enquanto o outro é uma elite que é um grupo fechado que governa o país há muitos anos. Essa abordagem é típica do populismo porque, de acordo com alguns pesquisadores, como Mudde e Kaltwasser (2017), o cerne do populismo é a crença de que a sociedade é dividida em “povo puro” e “elite corrompida” e que o líder populista é o salvador e o único defensor legítimo do povo.

Essa estratégia tem forte repercussão entre a população; afinal, trata-se de um país com histórico de crises econômicas, inflação e total descrença nas instituições. Como Corrêa e Carmo (2023) foram enfáticos, para Milei o povo argentino foi enganado por décadas, e a única saída possível é romper, literalmente, o sistema. Em outras palavras, Milei vende a imagem de ser uma pessoa de fora da política tradicional, o único que pode ‘salvar’ o país dos mesmos de sempre.

No entanto, algumas contradições começaram a surgir quando ele ocupou a presidência. Sua relação com a vice-presidente, Victoria Villarruel, é um exemplo claro. Dentro do mundo político que ele rotula de “casta”, Milei a defendeu, afirmando que ela “não interfere” nas ações do governo (John Lucas, 2024). O exemplo ressalta como o populismo pode ser acionado com base nas circunstâncias políticas e manter a retórica, mesmo quando a aliança com as figuras tradicionais é necessária.

Além disso, de acordo com Lucena (2023), após eleito, Milei passou a se aproximar de setores do exército, empresários, grupos conservadores, os mesmos que criticava. Tal mudança

não é nova no populismo, muitos líderes, mesmo quando no poder, mantêm um discurso contra o sistema em parte para manter o apoio popular ou a pressão por decisões impopulares.

Enfim, é interessante notar como esse discurso são quase exatamente o mesmo que ocorreu mais recentemente no Brasil, com Jair Bolsonaro. Assim como Milei, Bolsonaro dizia lutar contra “o sistema” e acusava a imprensa, os partidos e o judiciário de serem inimigos do povo e dizia ser um político “diferente”. A comparação entre os dois pode ajudar a entender por que a direita populista tem se fortalecido nos últimos anos na América Latina, em anos de crise e desconfiança generalizada.

Em suma, Milei utiliza a ideia da “casta” para colocar-se como a voz do povo diante de um sistema fracassado. Ao fim, é uma estratégia populista que reduz a realidade, divide a sociedade em dois polos inimigos e valoriza a imagem de um líder que virá para salvar o país. Mesmo com suas contradições, permanece sendo um discurso eficaz para manter o apoio popular e deslegitimar quem desconcorde de suas visões.

2.2 DO CANDIDATO *ANTIESTABLISHMENT* A PRESIDENTE DESLOCADO: OS CASOS BOLSONARO E MILEI

Bolsonaro também se destacou pela campanha eleitoral altamente retórica e polarizadora, que o ajudou a envolver amplamente o público. Por exemplo, durante um de seus discursos de campanha no Acre, Bolsonaro prometeu “fuzilar a petralhada”, fazendo referência violenta aos opositores do Partido dos Trabalhadores. A declaração reverberou por todo o país, e o PT levou o caso ao Supremo Tribunal Federal, acusando Bolsonaro de incitar a violência (Bonin, 2022). Apesar das críticas, esse tipo de postura reforçou sua imagem de candidato antissistema e fortaleceu a identificação de seus apoiadores com um discurso de intolerância política.

No entanto, a violência discursiva não estava presente apenas em episódios isolados. Arruda (2023) indica que durante toda a sua campanha o candidato realizava transmissões televisivas ao vivo e repletas de ameaças veladas e ataques a seus oponentes. Bolsonaro estabeleceu um modelo de populismo que usava a retórica do “nós contra eles” e desencadeava o medo e a raiva da população. Como resultado, houve um aumento na polarização da política no Brasil, e adeptos e oponentes de Bolsonaro estavam sempre brigando. Assim, as *lives* se tornaram não apenas um espaço de interação direta com seus seguidores, mas também um mecanismo de reforço da retórica agressiva que marcou sua candidatura.

A abordagem populista manifestada no discurso de Bolsonaro pode ser encontrada nas atividades de outros líderes radicais de direita, como Benjamin Netanyahu, de Israel. Campello (2023) observa que usam sempre uma retórica da verdade, a saber, noção de verdade absoluta e inimigo interno, isto é, a atribuição da responsabilidade pelo surgimento dos problemas da nação a certos grupos políticos. No caso de Bolsonaro, essa estratégia foi particularmente eficaz, considerando-se o intenso sentimento de antipetismo e descrença nas instituições, já que ele se apresentava como um candidato que dizia “verdades inconvenientes” e se preparava para fazer uma guerra contra o sistema corrupto partidário. Sua retórica agressiva, portanto, torna-se um fator de diferenciação na campanha de Bolsonaro, uma vez que ele podia contar com o apoio daqueles que eram dissidentes do *establishment*.

Uma vez no cargo, Bolsonaro encontrou dificuldades para governar dentro das estruturas normais e acordos que são aspectos rotineiros da política. Disputou em muitas ocasiões com o Congresso, mas, especialmente, com o Supremo Tribunal Federal: a instância legal mais importante no Brasil. O estudo de Viana (2024) mostra que Bolsonaro usou esses conflitos para agradar seus apoiadores mais fervorosos, independentemente das consequências para a própria democracia. Um exemplo disso foi o conflito com o ministro Alexandre de Moraes, que comandava investigações sobre pessoas próximas de Bolsonaro que espalhavam notícias falsas e atacavam a democracia; o presidente também criticava constantemente as decisões do STF, principalmente quando a Corte impedia ações do governo ou dava mais liberdade para que estados e cidades impusessem restrições contra a COVID-19. Outro caso polêmico foi quando Bolsonaro perdoou a pena do deputado Daniel Silveira, que havia sido condenado pelo STF por ameaçar os próprios ministros da Corte. Esse perdão foi visto como uma tentativa de desrespeitar a Justiça e proteger seus aliados (Bissiati, 2023). O embate com o STF foi, inclusive, constante e a militância bolsonarista sempre pedia o fechamento da própria instituição em atos públicos, que contavam com a presença do ex-presidente, como em maio de 2020 – vide imagem X. Importante ressaltar que Bolsonaro esteve presente, sem máscara de proteção, no meio da pandemia do COVID-19 (Garcia; Falcão, 2020).

Imagem 1 – Placa, em frente ao STF, pedindo o fechamento da corte



Fonte: Garcia; Falcão (2020)

Além disso, a presença excessiva de militares em cargos civis e a orientação de uma extrema de direita, centrada na implementação de uma agenda econômica ultraliberal, levaram a um enfraquecimento do governo Bolsonaro. Como avaliado por Medeiros e Silva (2023), a combinação de mecanismos neoliberais e retórica de autoritarismo resultou em uma combinação de um governo performático, centrado em símbolos e oposições de discurso, no entanto, sem soluções sociais eficazes.

O outro elemento crucial da retórica bolsonarista é a utilização da religião como ferramenta de legitimidade. Bissiat (2023) analisa como o presidente incorporou os elementos da fé cristã evangélica em sua fala política, se proclamando escolhido por Deus para combater a “maldade” das esquerdas e dos setores progressistas. A fusão entre populismo e religião gerou um discurso moralista e autoritário, no qual inimigos políticos não eram apenas adversários, mas inimigos da fé e da pátria, o que será discutido melhor no próximo item.

Ademais, Bolsonaro estabeleceu uma relação problemática com a imprensa. Tanto ele quanto seus aliados frequentemente acusavam jornalistas de mentirem ou agirem politicamente contra o governo, contribuindo para um ambiente de desinformação e hostilidade. A polarização gerada por essa retórica teve consequências concretas, como o aumento da violência política e a radicalização de setores da sociedade, fenômeno analisado em diversos estudos sobre o bolsonarismo (Barreiros, 2022; Medeiros e Silva, 2023).

No início de seu mandato, Bolsonaro se apresentava como alguém contrário à "política tradicional" e atacava abertamente o “Centrão”, um grupo de partidos no Congresso conhecido por apoiar qualquer governo em troca de cargos e verbas. Ele afirmava que não estabeleceria acordos com políticos desse tipo, a quem considerava corruptos e responsáveis pelos problemas do Brasil. Entretanto, com o tempo, Bolsonaro percebeu que, sem apoio no Congresso, corria o risco de sofrer um *impeachment* ou ter seus projetos barrados. A partir de 2020, sua postura alterou e começou a se aliar ao bloco partidário centrista, oferecendo posições e recursos em

troca de apoio político. Essa aliança tornou-se indispensável para assegurar sua permanência no poder, apesar de ser contraditório com o discurso que usou para se eleger (Miazzo, 2021).

Entretanto, essa ligação com o “Centrão” expôs que o governo Bolsonaro começou a depender muito mais da política usual do que ele realmente desejava reconhecer. Mesmo que muitos militares fossem instalados em posições políticas, pouco dessa ação se tornou garantia de estabilidade. No relatório do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (Gedes, 2020), os militares tinham influência, mas quem de fato segurava o governo no dia a dia eram os partidos do “Centrão”. Como explica Souza (2021), em outras palavras, Bolsonaro “aprendeu a jogar” as regras do jogo político brasileiro, tendo que fazer acordos, alianças e concessões para conseguir governar. Ou seja, o presidente deixou de ser o político “de fora do sistema” e passou a depender das práticas que tanto criticava.

Em conclusão, o governo Bolsonaro foi definido por um movimento ambíguo entre uma genuína posição de *outsiders* antissistema e a necessidade pragmática de governar em acordo com a realidade institucional brasileira. A identificação do outro não apenas permitiu uma questão eleitoral triunfante, mas também mostrou ser funcionalmente disfuncional no poder e resultou em conflito institucional, dúvida democrática e instabilidade política.

Não muito diferente do caso brasileiro, a ascensão de Milei à presidência da Argentina ocorreu em torno de sua imagem de *outsider* político. Talvez não seja completamente uma comparação justa, mas de certa forma, assim como Bolsonaro no Brasil, Milei também apresentou sua candidatura como uma “ruptura” com o *status quo* político, ou seja, como alguém de fora das estruturas de poder consolidadas que estava preparado para confrontar. Essa “narrativa” foi em parte possível devido ao desprestígio profundo das instituições e dos partidos políticos na Argentina, um fenômeno catalisado após anos de crise econômica e escândalos de corrupção em torno dos governos peronistas e os breves períodos de governos liberais.

Milei embasou seu discurso em uma crítica direta àquilo que ele chama de “casta política”, termo empregado com certa recorrência para se referir à elite dirigente que, conforme suas palavras, vive “a conta” do povo e “goza de privilégios à custa da miséria do restante da população”. De acordo com o programa da CNN Brasil (2023), o candidato a descreveu como pessoas que fazem parte da política tradicional, passando por jornalistas, acadêmicos, todos que teriam “corrompido” o sistema e estar se opondo aos interesses do cidadão comum, o povo, portanto, se apresenta como um grupo homogêneo e bem-intencionado, em contraste com uma elite parasitária. Essa é uma retórica clássica do populismo.

Essa construção simbólica do inimigo interno é posteriormente amplificada por sua proposta de fechamento do Banco Central e pela promessa de dolarização da economia. Embora

essas pareçam ser medidas extremas para grande parte da população, uma outra parcela significativa ansiava por políticas públicas que são o oposto exato das existentes (Lucena, 2024). Milei anuncia repetidamente que o Banco Central é uma “máquina de destruir valor” e acusa-o de ser um ator diretamente responsável pelo que chama de “roubo”. Sua rejeição às instituições tradicionais é um aspecto importante de sua identidade política e a ajudou a ganhar popularidade entre os eleitores mais insatisfeitos.

Além de seus discursos, há ainda a questão do desempenho público de Milei que reforça seu lado “*outsider*”. Seu estilo irreverente, cabelos bagunçados, declarações provocadoras e uso repetido de palavrões formam um repertório de quebra simbolicamente do perfil institucional das figuras políticas modernas. Como destaca Pablo Stefanoni (2023), o anarcocapitalismo de Milei não é apenas ideológico, mas também performático. É uma forma de indignar, provocar, emocionar os seguidores. Uma técnica que é simples e inovadora; é a mesma usada por Bolsonaro no Brasil, que também se posicionava como alguém “contra tudo isso que está aí”, especialmente durante a campanha de 2018.

Outro aspecto fundamental é a rejeição do politicamente correto, o que Milei adota como uma posição deliberadamente provocadora e agressiva. Como Barella (2023) explica, esta linguagem dura e polarizadora é central na ideologia anarcocapitalista, que vê o Estado como inimigo da liberdade do indivíduo. Portanto, o discurso de Milei deve-se principalmente ao fato de desviar do consenso político e aceitar o confronto como parte do jogo democrático, um aspecto que ressoa com uma sociedade exausta de promessas não cumpridas e profundamente desconfiada das elites.

Por último, a comparação direta com Donald Trump e Bolsonaro. Na conferência CPAC (*Conservative Political Action Conference*), nos Estados Unidos, Milei proclamou-se “*outsider* como Trump” (Baccarin, 2025), destacando sua semelhança com uma onda global de líderes populistas que contornam os sistemas democráticos existentes em prol de serem vistos como a verdadeira voz do povo. Da mesma forma que Bolsonaro mobilizou seu passado militar e a ideia de ser um “mito” que fala a verdade que os outros não dizem, Milei se projeta como o “leão” que veio para destruir o sistema podre, alimentando uma narrativa de salvação e combate contra um inimigo interno identificado ao *establishment*.

Assim, a construção discursiva e simbólica de Milei como líder revela-se como uma estratégia cuidadosamente elaborada de direcionamento de sentimento de frustração, raiva e desilusão para sua figura. Como foi dito antes por Casullo (2021) e Bonnet (2020), esse é uma tendência geral entre os populismos contemporâneos: apresentam-se como a única alternativa

legítima existente e excluem seu discurso fora da ordem ultrapassada que já não serve aos interesses populares.

2.3 OS VALORES DOS LÍDERES POPULISTAS

Nos tempos contemporâneos, o populismo, sobretudo em sua manifestação de direita, tem se distinguido pelo instrumentalismo em valores morais e religiosos, empregando-os, a bem da verdade, com o objetivo de legitimar práticas autoritárias, e, simultaneamente, uma tremendíssima mobilização emocional. Nesse sentido, a situação brasileira e argentina não é exceção: a figura de Bolsonaro e Milei foi exemplar, pois se apresentaram não como um político padrão, mas como um autêntico “do povo”, atacou abertamente “a elite” e as caracterizou como corrupta, imoral e desconexa, em especial, desligada dos chamados “valores tradicionais”. Essa construção simbólica reforçou uma retórica dualista que é central ao populismo (Bissiat, 2022).

2.3.1 O “bolsonarismo” como miscelânea de valores

O conceito de bolsonarismo ultrapassa a figura de Jair Bolsonaro enquanto pessoa política e se estabelece como um fenômeno social, político e cultural dotado de características próprias e que deve ser duradouro. Segundo Cadore (2021), o bolsonarismo articula uma lógica de mobilização política marcada pelo antagonismo constante, recorre ao moralismo conservador e fala da antipolítica. Como tal, é uma força que se origina na repulsa para com as instituições democráticas tradicionais de representação, como o Congresso, o Judiciário e a mídia. Além disso, o bolsonarismo se ancora em uma visão de mundo maniqueísta, na qual há uma constante batalha entre “o bem” e “o mal”, o que legitima uma retórica violenta e intolerante com os diferentes.

Duarte (2022) contribui para a compreensão do bolsonarismo ao ensinar que ele não deve ser entendido apenas como uma ideologia de governo, mas como um movimento social e cultural. Para isso, partiu dos pressupostos mínimos que o bolsonarismo enquanto ideologia se moldou em aspectos do conservadorismo religioso, do neoliberalismo econômico radical, da antipolítica e se esparrama nas falácias das redes sociais com teorias conspiratórias através da lógica das *fake news*. Mesmo que Bolsonaro se retire do cenário, o bolsonarismo ainda pode funcionar como poder político no Brasil, devido à sua habilidade de mobilizar a sociedade e a sua influência em vários aspectos, incluindo, as organizações de segurança, igrejas evangélicas

e as mídias digitais. Logo, o bolsonarismo é mais que um governo, é um mundo político próprio que altera o debate público e a democracia no Brasil.

Segundo Bissati (2022), os discursos religiosos foram fundamentais para a campanha de Bolsonaro em 2018, na qual o candidato passou a se aproximar, estrategicamente, da Frente Parlamentar Evangélica. Tal manobra serviu para criar uma pauta baseada na moral cristão, defendendo a “família” e demonstrando repúdio à chamada “ideologia de gênero”. Estas pautas foram politizadas e utilizadas como armas contra adversários e como iscas para conquistar o apoio da população mais conservadora.

Para além do discurso religioso, o populismo bolsonarista também se sustentou em uma linguagem simples e emocional, utilizada para reforçar laços imediatos entre o líder e seus seguidores. Isso significa que tal comunicação, feita em um estilo marcado por frases feitas e metáforas de confronto, dispensou ou torna inútil a mediação institucional e deslegitimou qualquer tipo de oposição. Como Stefany e Alfredo (2025) destacam, esse estilo de comunicação é emocional e performativo, uma vez que visa a ativação de afetos, especialmente o medo e a indignação.

Os populistas também constroem valores que giram em torno do nacionalismo exacerbado, da moralidade religiosa e da antipolítica. São construções que se fortalecem em meio à crise institucional, visto que a confiança nas instituições democráticas se encontra abalada. No caso brasileiro, Bolsonaro frequentemente utilizou de elementos religiosos, como a própria Bíblia e slogans como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, para reforçar a sua imagem como salvador da pátria (Bissati, 2022; Martins; Oliveira, 2020).

É importante ressaltar que, de acordo com Martins e Oliveira (2020), a presença de evangélicos na política começa a ser construída nos anos 1980, lembrando a trajetória de lideranças religiosas protestantes que se elegeram com base no compromisso de proteger valores, a exemplo da liberdade religiosa e da família. Nesse contexto, a legitimação da fala religiosa no campo político foi ocorrendo e se consolidando, até a emergência do populismo religioso de direita característico no atual cenário.

Também vale destacar entre as características dos líderes populistas a criação de inimigos simbólicos: desse modo, o comunismo, os movimentos sociais ou a “velha política” podem legitimar leis autoritárias e aumentar seu apoio popular. Nesse sentido, como observa Pieper (2019), a religião, fora da moldura de fé individual, funciona como instrumento político da autoridade, do controle pela interação simbólica e normativa.

A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da república em 2018 nasce da costura de alianças estratégicas com lideranças evangélicas e faz uso de símbolos e discursos religiosos

como instrumentos políticos. Não se trata, contudo, de retórica ou um laço simbólico. Bolsonaro firma um pacto de interesses que lhe garantiu a adesão incondicional de segmentos evangélicos do país. Cunha (2021) percebe que, durante a candidatura, lideranças de grandes igrejas pentecostais e históricas mobilizaram suas redes de fiéis para fortalecer a figura de Bolsonaro, projetando-o como o homem responsável pelos valores cristãos, a moral tradicional e a família heteronormativa, em oposição à sua noção de “ameaças de esquerda”.

Para Borges Júnior (2024), os pastores bolsonaristas não só apoiaram o bolsonarismo por afinidade moral, mas também foram até ele por interesse material e acesso aos espaços de poder. Eles viram a oportunidade de se tornarem ainda mais influentes no Estado e ocuparam postos de governo e políticas públicas. Esse fenômeno se tornou ainda mais evidente quando se analisa a participação ativa de congregações evangélicas em atos políticos organizados pelo então presidente. Em fevereiro de 2024, por exemplo, a grande presença de fiéis em uma manifestação na Avenida Paulista ilustrou a mobilização religiosa em torno de um projeto político autoritário e conservador (Sales, 2024).

Havia outros interesses por trás deste apoio, que se consolidaram no governo. Por exemplo, houve a tentativa de ampliar os privilégios fiscais para os pastores evangélicos, nomeadamente para isentá-los de contribuições sobre aposentadorias. De acordo com a Carta Capital (2023), a isenção fiscal foi denunciada por entidades como o Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Sindifisco), que a classificaram como mais uma forma de o Estado ser usado em favor de líderes religiosos específicos sem a justificativa legal necessária. Tais iniciativas, para além de evidenciarem a instrumentalização da máquina estatal como forma de retribuir o suporte político, serviram para aprofundar a interpenetração entre as esferas religiosa e estatal.

No âmbito da estrutura governamental, essa instrumentalização da fé ficou nítida em diversos atos simbólicos e nomeações. A indicação da pastora evangélica Damare Alves para a chefia do “Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” exemplifica essa combinação entre política e religião institucionalizada. Conforme demonstram Evangelista e Reis (2021), a ministra costumava empregar uma retórica moralista e fortemente influenciada por dogmas religiosos para orientar políticas públicas. Além disso, Bolsonaro frequentemente citava versículos bíblicos nas redes sociais e em seus discursos, associando seus críticos políticos às forças do “mal” em uma batalha espiritual imaginária, consolidando uma narrativa maniqueísta que dividia a sociedade entre “verdadeiros cristãos” e “inimigos da fé”.

Tais táticas retóricas se assemelham ao que o pesquisador Fábio Py definiu em 2021 como “cristofascismo”, a articulação oportunista de elementos do cristianismo com práticas

autoritárias, repressoras e excludentes, visando consolidar um projeto de poder sob a aparência falaciosa da defesa da fé. Conforme afirma o autor, o cristofascismo brasileiro combina símbolos religiosos a um projeto político de poder cujo traço distintivo nega o pluralismo, dissemina o medo, criminalizando adversários ideológicos, muitas vezes com base de discursos religiosos. Era, por isso, compreensível que, mesmo sob acusações e investigações de corrupção, Bolsonaro tenha mantido sólido apoio evangélico, que o enxergava como vítima de forças do “mal”.

No entanto, esse uso político da fé também gerou respostas de setores cristãos de orientação progressista, que apontaram a instrumentalização religiosa para conquistar eleitorado e difundir pautas ideológicas. Em 2022, diversas organizações religiosas publicaram notas de repúdio à tática que classificaram como oportunismo com a fé cristã, argumentando que, ao fazê-lo, Bolsonaro desfigurava o legado de Jesus, ameaçava a liberdade religiosa e a democracia brasileira (Pereira, 2022). Esses movimentos alertaram para a necessidade de se preservar a autonomia das instituições religiosas frente ao Estado, rompendo com a lógica de aliança entre púlpito e palanque que marcou o bolsonarismo.

Outro ponto importante nos valores demonstrados pelo ex-presidente, e de seus apoiadores, foi o negacionismo científico. Durante a pandemia de Covid-19, o governo de Bolsonaro tratou a situação com descaso, sugerindo tratamentos que não tinham comprovação científica e desencorajando o uso de máscaras e o distanciamento social (Sefany, 2025).

Bolsonaro de fato assumiu uma postura que se tornou marcante na negação da pandemia da Covid-19. Esse fato, por sua vez, afetou profundamente os rumos da condução da crise sanitária no país. A saber, a recusa e o atraso da compra de vacinas são um dos exemplos mais evidentes. De acordo com Magenta (2021), o governo brasileiro ignorou pelo menos 81 ofertas formais de vacinas, inclusive várias comunicações da Pfizer ainda em 2020, para desqualificar a eficácia dos imunizantes e adotar um discurso de desconfiança frente à ciência. O mesmo discurso foi direcionado à Coronavac, vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, cujo antigo presidente frequentemente atacava.

O negacionismo de Bolsonaro foi transmitido através da retórica de muitas de suas declarações públicas, nas quais ele questionava a segurança das vacinas, afirmava que poderiam transformar as pessoas em “jacarés” ou causar efeitos colaterais graves, e prometia não se vacinar (Lopes, 2022). No entanto, enquanto suas palavras poderiam ter sido simplesmente provocativas, elas foram amplamente ouvidas por seus partidários, resultando na desconfiança deles e no ressurgimento dos movimentos antivacina. Além disso, o discurso do presidente deslegitimou as ações de governadores e prefeitos que estavam promovendo campanhas de

vacinação contra a COVID-19 em seus estados e municípios, criando um cenário de politização da saúde pública.

Posteriormente, investigações jornalísticas alegaram que Bolsonaro e pessoas próximas a ele haviam forjado registros de vacinação. Na verdade, segundo a reportagem da Agência Brasil (Pontes, 2024), o ex-presidente foi inserido em um mecanismo de fraudar cartões de vacinação para possibilitar que viajasse ao exterior sem, de fato, ter sido adequadamente vacinado. O fato expõe ainda mais a contradição, que se mostra ideológica, mas, especialmente, instrumental e oportunista, entre os posicionamentos públicos de oposição à vacina e as ações provadas de tentar se esquivar das exigências sanitárias.

O negacionismo que Bolsonaro protagonizou não se deu apenas no âmbito da vacinação, mas ocupou centralidade em uma estratégia de deslegitimação e desinformação da ciência. De acordo com Baima (2024), estudos apontam que o governo Bolsonaro promoveu o que se denominou de ignorância científica deliberada, formalmente um tipo de agnotologia³. A política da dúvida, a promessa da eficácia e prescrição do medicamento da cloroquina, e a crítica aos especialistas foram fundamentais para a organização do descrédito público na ciência.

Portanto, a abordagem do ex-presidente Bolsonaro à gestão da pandemia combinou a omissão deliberada com a manipulação ideológica e a promoção de desinformação. A negação da ciência e o desacreditar das evidências custaram a vida de milhares de pessoas e minaram a capacidade do país de responder de forma integrada à crise de saúde pública mais atroz na história recente do Brasil. O caso de Bolsonaro é mais do que um erro de gestão, por mais trágicas que sejam as consequências do seu negacionismo, trata-se de uma abordagem política.

Em suma, pode-se concluir que os valores de Bolsonaro vão além de convicções ideológicas específicas e se originam de uma engenharia simbólica complexa que abrange religião, nacionalismo, discurso de ódio e desinformação. Não apenas sustentam a liderança desses agentes, mas também moldam o imaginário político compartilhado, dificultando a consolidação da democracia e da pluralidade. Portanto, compreendê-los é o primeiro passo para resistir a seus efeitos e reconstruir a esfera pública com base no diálogo e na razão.

³ Agnotologia é o estudo da produção intencional da ignorância ou da dúvida em torno de um determinado assunto, com o objetivo de manipular a opinião pública ou de impedir a difusão de conhecimento.

2.3.2 Populismo libertário? A combinação paradoxal de Milei entre carisma político e anarcocapitalismo

Como Retamozo (2023) indica, Milei é um populista desejando afirmar que é um antipopulista. Retamozo (2023) argumenta que Milei usa estratégias populista ao afirmar que ele é a voz do povo contra a “elite corrupta”, mas ao mesmo tempo, ele procura diferenciar-se do populismo argentino tradicional, o peronismo.

Assim, a liberdade individual é um dos valores mais importantes para Milei, que ele apresenta como um ideal absoluto. Para Milei, liberdade é um mercado sem interferência do Estado. Isto é, a propriedade privada deve estar completamente defendida e a propriedade pública completamente rejeitada. Merke e Pereyra Doval (2024) evidenciam que essa lógica dá sustentação a medidas extremas de governo, como a extinção do Banco Central e cortes muito expressivos no orçamento. Assim, o Estado não é, nesse raciocínio, um instrumento de proteção social, mas um inimigo. A liberdade, nesse caso, ganha um tom quase religioso, e tudo o que vai contra o livre mercado é tratado como imoral.

O outro valor importante para Milei é o antielitismo. Ele fala repetidas vezes acerca da “casta política”, criticando partidos tradicionais, sindicatos, universidades e até jornalistas. Como afirma Kordon (2022), o uso da linguagem de ‘casta’ realça simbolicamente a existência de um ‘povo honesto’ e de uma ‘casta corrupta’ e retrata que esta última é a responsável por todos os males do país”. Desse modo, Milei busca apresentar-se como alguém fora do sistema, apesar de ser o chefe de Estado. Essa estratégia reforça a ideia de que só ele pode salvar a Argentina, mesmo que isso envolva desmontar instituições democráticas.

Também está presente o valor da ordem no discurso de Milei, especialmente na esfera econômica. Ele insiste em “colocar a casa em ordem”; em outras palavras, o país deve passar por um ajuste fiscal severo, com cortes de gastos e reformas. Frieiro (2023) insiste que esta afirmação está carregada de conotações morais, os sacrifícios devem ser feitos e são nobres, enquanto quem protesta contra eles é preguiçoso ou irresponsável. Essa visão da economia como um espaço de disciplina e sofrimento moral aproxima Milei de outros projetos neoliberais, mas com um estilo mais agressivo e emocional.

Além disso, embora se autodeclare um “liberal libertário”, ele também ancora seu partido em alguns valores conservadores, principalmente através de sua vice-presidente Victoria Villarruel. Conhecida por negar os crimes da ditadura militar e pela defesa de uma religião e de posições autoritárias, a própria Villarruel ainda é uma representante de pautas progressistas da economia e de políticas de gênero. Villarruel, não representa um elemento

secundário no governo de Javier Milei, mas um componente estruturante de sua orientação ideológica. Sua trajetória política é marcada pela defesa aberta do revisionismo histórico, que busca relativizar os crimes da ditadura militar argentina (1976–1983) e, em muitos casos, apresentar os perpetradores como vítimas de uma suposta “guerra assimétrica” (Carmo, 2023). Ao adotar o discurso da “guerra assimétrica”, Victoria Villarruel tenta reposicionar os agentes do terrorismo de Estado de responsáveis por sequestros, torturas, execuções e desaparecimentos forçados, como supostas vítimas de uma guerra legítima contra o que denomina de “terrorismo subversivo” (Carmo, 2023).

Além de sua atuação revisionista, Villarruel⁴ é uma defensora intransigente de pautas ultraconservadoras: é contra o aborto, rejeita os direitos das populações LGBTQIA+, se opõe às políticas de equidade racial e de gênero e compartilha uma visão profundamente xenófoba. Sua presença na chapa de Milei não é casual, mas estratégica, e reforça a simbiose entre o libertarianismo econômico do presidente e o ultraconservadorismo moral e autoritário da vice, consolidando um projeto de extrema-direita na Argentina.

De acordo com Caruncho (2024), embora Milei não fale sobre religião ou moralidade tradicional como outros líderes, ele aceita isso como parte de seu governo. Dessa forma, a família, a tradição e a obediência asseguram espaço no discurso da nova direita argentina.

Milei também menciona o nacionalismo, mas com uma abordagem específica. Para ele, a soberania do país é protegida apenas por uma lógica de mercado e competição internacional. Por exemplo, o caso das Ilhas Malvinas, na qual ele diz que a Argentina deve “conquistar” os britânicos com economia, não pela guerra ou abordagens tradicionais de diplomacia. Como Merke e Pereyra Doval (2024) descrevem, essa é outra maneira quanto Milei combina o nacionalismo com o liberalismo econômico, criando um tipo de patriotismo que valoriza a iniciativa privada como símbolo de grandeza nacional.

Outra ideologia política apoiada por Javier Milei é o anarcocapitalismo. Como aponta Vieira (2020), tal corrente propõe a abolição do Estado em troca de um mercado totalmente livre, com todas as funções públicas, tais como segurança, justiça e saúde e educação concedidas a empresas privadas. O autor explica que essa doutrina parte do pressuposto que a livre iniciativa e a propriedade privada são mais eficientes do que o Estado na organização da sociedade. Portanto, ao mesmo tempo, ela mescla ideias do anarquismo e do liberalismo

⁴ Villarruel preside o Centro de Estudos Legais sobre o Terrorismo e suas Vítimas (CELTYV), uma organização que se dedica a defender militares acusados de crimes contra a humanidade. Essa atuação não é apenas uma agenda de memória, é um projeto político que visa reabilitar o autoritarismo e reconstruir uma narrativa na qual os militares aparecem como defensores da ordem e da pátria, e não como agentes de um regime genocida (Brito, 2023).

econômico mais radical. Ela possui semelhanças com o primeiro pelo desejo da não intervenção do Estado e com o segundo pelo radicalismo de manifestação desse discurso”. No entanto, ele complementou que o anarcocapitalismo, diferentemente do anarquismo tradicional, o qual é de cunho coletivo e de certa forma igualitário, valoriza a competição e a conquista pessoal acima de tudo.

No governo de Javier Milei, o anarcocapitalismo aparece mais como inspiração ideológica do que como prática imediata. Segundo Veiga (2023), apesar de Milei se identificar como anarcocapitalista, ele mesmo reconhece que seria impossível aplicar essa teoria de forma total no curto prazo, e por isso propõe um processo gradual de “dinamitar o Estado”. Suas ações iniciais, como cortes significativos nos gastos públicos, privatizações em massa ou a iniciativa de dolarização da economia, são passos em direção a uma menor participação do estado. Ao mesmo tempo, a oposição crítica aponta que pode elevar a desigualdade e enfraquecimento dos serviços essenciais para os menos favorecidos. Portanto, o anarcocapitalismo em Milei é mais uma bússola ideológica que direciona as reformas econômicas radicais implementadas por ele do que como forma de governo que já foi realizado.

2.4 O POPULISMO E AS RELAÇÕES EXTERIORES DE BRASIL E ARGENTINA

O governo de Jair Bolsonaro rompeu com a tradição histórica das relações exteriores do Brasil, caracterizada pela autonomia relativa e pelo pragmatismo. O alinhamento automático com os Estados Unidos sob a administração de Donald Trump teve consequências globais em várias frentes. Na verdade, a política brasileira não foi diretamente associada a interesses estratégicos ou econômicos, mas sim por ideologias como antiglobalismo, conservadorismo moral, negacionismo climático e ataque a instituições democráticas. Para Moura (2022), Bolsonaro incorporou símbolos e métodos do trumpismo em um projeto político que renegava os valores iluministas e apostava na mobilização emocional das massas por meio do ressentimento, medo e polarização.

Conforme Ale Corrêa (2023), algumas semelhanças entre os dois presidentes são a de tentar desacreditar o sistema eleitoral antes mesmo de ocorrer o pleito, a de se recusar a aceitar derrotas, a de construir inimigos internos com a imprensa e o Judiciário e a de solicitar diretamente às massas por meio das redes sociais. Dessa forma, essa estratégia foi extensamente mapeada por veículos como a Carta Capital (2022), que chegou ao número de 15 táticas golpistas empregadas por Trump e reproduzidas por Bolsonaro, incluindo a radicalização dos apoiadores e o incentivo à ação dos militares como forma de pressão institucional.

No campo internacional, o alinhamento do bolsonarismo ao trumpismo é evidenciado por uma política externa ideologizada, a partir de ataques a organizações multilaterais, tal como as Nações Unidas, e o discurso anti- chamado “globalismo”. Conforme salienta Millikan (2018), Bolsonaro quebrou seu país da tradição relacionada ao meio ambiente ao alinhar-se à negação das mudanças climáticas de Trump, promover o desmonte dos órgãos ambientais e rejeitar pressão internacional para preservar a Amazônia, o que provocou sério desgaste nas relações do Brasil com nações europeias e minou o país de credibilidade nos acordos multilaterais, como o acordo de Paris.

Outro ponto de destaque do alinhamento entre Bolsonaro e Trump foi a tentativa de construção de uma base de extrema-direita articulada global populista. Ambos se aproximaram informalmente de líderes e adeptos deste movimento. Trump, conforme explica Leitão (2024), foi um ‘padrinho simbólico’ do bolsonarismo e influenciou o tom e a estratégia de comunicação e eleitoral de Bolsonaro”. Essa ligação era percebida nas *lives* semanais ao lado de seus principais assessores, na linguagem ofensiva focada em desmoralizar o adversário e até em tentativas de deslegitimar instituições democráticas ao menor sinal de contrariedade. Filho (2022) também aponta essa dinâmica, que mais do que um modelo foi uma bússola política. Segundo o autor, a relação entre Trump e Bolsonaro teria sido pautada menos por interesses diplomáticos e mais por uma real identificação pessoal e ideológica.

Sob o governo de Jair Bolsonaro, o Brasil ativamente e propositadamente absteve de participar em grupos e organização internacionais e regionais que desempenharam um papel chave na política externa do Sul Global. Essa mudança no curso da política externa do país interrompeu várias décadas de tradição diplomática e enfraqueceu sua posição de liderança na América Latina, bem como sua reputação como líder importante do Sul. Um dos exemplos mais claros dessa mudança foi a decisão de sair da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a perda de importância da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), que antes eram fundamentais para fortalecer a integração regional de forma independente (Azzi; Frenkel, 2021).

O Brasil perseguiu essa política e se retirou das organizações da América do Sul, seguindo a linha ideológica de muitos governos. O regime de Bolsonaro estava absolutamente contra qualquer forma de integração que acreditava ser patrocinada por governos de esquerda. De acordo com todas as previsões de investimento no plano neoliberal do interlocutor, Bolsonaro fez acordos diretamente com países que compartilhavam sua opinião e usou a política externa para promover questões conservadoras e parte de sua agenda interna. Conforme explicado por Bressan, Menezes e Ribeiro (2021), o governo mostrou um viés de confronto nos

espaços internacionais e, de forma incidental, enfraqueceu a capacidade do Brasil no MERCOSUL e do sul-americano nos entendimentos em bases amplas com os vizinhos. Isso aflige a cooperação regional em tópicos como meio ambiente, saúde e desenvolvimento.

Outro afastamento foi acerca do continente africano, que foi considerado durante por muitos anos um dos parceiros mais importantes na relação entre os países em desenvolvimento. Em anos anteriores, o governo brasileiro abriu embaixadas, concluiu acordos, organizou feiras de negócios e visitas estruturadas comércio de missões para muitos estados africanos, porém, com bolsonarismo, menos oportunidades foram investidas nessa direção, houve menos diálogo com os estados africanos. Segundo Azzi, Rodrigues e Souza (2022), o Brasil perdeu chances de fortalecer sua presença no continente, enfraquecendo relações que levaram décadas para serem construídas e ficando de fora de discussões importantes sobre desenvolvimento global.

O isolamento também se manifestou na maneira pela qual o Brasil se relacionou com outros grupos do Sul Global, incluindo o BRICS. Embora o governo Bolsonaro não tenha oficialmente retirado o país do grupo, ele mostrou pouco entusiasmo, senão hostilidade, em relação à China e à Índia, dois dos membros mais poderosos. Segundo o Jornal do Brasil (2023), o governo tratou como manifestações de pouco interesse o bloco do BRICS, que favorecia alianças ideológicas com os Estados Unidos e com Israel, e driblou a luta por um mundo mais equilibrado e multipolar. Com isso, o país ficou sem interlocução forte nos debates sobre desigualdade, reforma das instituições globais e governança mais justa.

Em conclusão, o governo Bolsonaro optou por uma política externa pautada pelo isolamento ideológico, enfraquecendo a posição do Brasil no Sul Global. De um país mediador e promotor da cooperação entre os países da região, o Brasil passou a ser visto como isolado e irrelevante. Conforme Magenta (2021), as novas dinâmicas internacionais acenam para interesses estratégicos muito difíceis de serem conciliados com uma imagem internacional de nossa política externa, gerando desconfiança entre os países vizinhos e deixando um espaço de liderança que ainda não foi ocupado por ninguém.

O mesmo valeu para o pensamento que se ampliou na política ambiental. Bolsonaro e seu governo encararam a proteção do meio ambiente e neste caso a crítica como uma ameaça à soberania do Brasil. Da mesma forma, a crítica internacional a respeito do desmatamento nos territórios brasileiros foi interpretada como uma afronta aos assuntos internos do país. Esse discurso satisfez indústrias como o agronegócio e o garimpo, que acreditavam sobretudo que a exploração da natureza fosse a forma verdadeira para criar riqueza. De acordo com Bocuhy (2021), o governo brasileiro negou que a crise climática estivesse acontecendo. Na prática, como argumenta Barreira (2023), o governo desmontou políticas ambientais, diminuiu a ação

de órgãos como o Ibama e o ICMBio⁵ e ajudou a aumentar o desmatamento da Amazônia, seja por discurso ou por omissão. Ele também se recusou a reconhecer ainda o racismo ambiental quando em reuniões da ONU demonstrando que não está disposto a aceitar acordos internacionais em torno do tema, tratando esses como interferência em assuntos internos brasileiro (Chade, 2021).

Sobre a imagem internacional do Brasil, essa postura teve efeito direto. Segundo Assis Moreira (2020), o país teve sua reputação danificada em várias instâncias internacionais e líderes europeus criticaram publicamente a postura do governo. A desobrigação do Acordo de Paris e o subsequente aumento do desmatamento impediram várias negociações comerciais significativas, como o acordo entre a União Europeia e o Mercosul.

Por fim, embora a retórica de Bolsonaro tenha ressoado com muitos brasileiros, ela não esteve isenta de críticas. A inclusão de um “inimigo” pode levar a uma exclusão de grupos sociais que de outra forma não são enquadrados na noção de “povo” que um líder populista está tentando proteger. Seria crucial considerar que a lógica da exclusão é especialmente perigosa num país como o Brasil, que é conhecido pela sua diversidade étnica, socioeconômica e cultural. Apesar de não mais ocupar a presidência, Jair Bolsonaro ainda é uma figura de grande influência sobre a política brasileira. Mesmo respondendo na justiça por sua suposta participação em um golpe de estado no país, os grupos de apoio seguem atuando e mobilizados. Embora possa ser considerado menor quando comparado ao mandato, de acordo com projeções e análises, o bolsonarismo ainda é atuante no território nacional. O pleito municipal de 2024 confirmou uma tendência de crescimento partidário de grupos de direito-centro, o que sinaliza uma tendência de fortalecimento de partidos de centro-direita, indicando uma possível reconfiguração das forças políticas no país (Reuters, 2024).

Assim como no Brasil, a política externa de Javier Milei representa uma mudança radical e acelerada em relação às posturas anteriores da Argentina no cenário internacional, pois o país reunia boas relações com vários países do mundo, como Brasil e China. Milei opta por focar a aproximação quase exclusiva com os Estados Unidos e Israel. Barbosa (2024) sugere uma mudança radical no padrão de comportamento, deixando de lado o tradicional equilíbrio da diplomacia argentina, que prioriza interesses econômicos acima de quaisquer ideologias.

⁵ O ICMBio, que significa Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, é uma autarquia federal brasileira responsável pela gestão das Unidades de Conservação Federais, pela promoção da pesquisa e monitoramento da biodiversidade, e pelo desenvolvimento de políticas públicas em conjunto com comunidades tradicionais.

De acordo com José Victor Ferro (2024), essa “nova era das relações carnavais” com os Estados Unidos, inspirada no ano de 1990, pode trazer mais prejuízos que benefícios. Milei troca parceiros que trouxeram dinheiro, investimentos e comércio, por relações políticas baseadas na afinidade ideológica. A China, por exemplo, compra muita produção argentina, principalmente os alimentos do campo. Se Milei se afasta de Pequim, ele coloca em risco a subsistência de diversos setores da economia. Ferro (2024), enfatiza que o presidente argentino tem mais interesse em expor a sua visão de mundo do que em resolver os problemas financeiros do país.

Além disso, Caires (2024) avisa sobre o caráter teatral da diplomacia de Milei, o seu interesse não está em manter laços sólidos, mas, sim, fazer barulho em mídias e redes sociais. Dessa forma, o presidente caracteriza os países como amigos ou inimigos, o que dificulta o trabalho com Mercosul ou ONU, onde é crucial manter a cooperação e o diálogo. Essa atitude ideológica e agressiva pode levar a Argentina a um declínio no prestígio e isolamento nas tomadas de decisões no cenário político internacional.

Uma das medidas mais polêmicas foi a retirada da Argentina da Organização Mundial da Saúde (OMS). O governo justificou a decisão devido à intenção de revisar os protocolos nacionais de vacinação, pois a OMS é considerada por ele invadir as decisões internas de um estado soberano (Salbert, 2025). Este é um indicador da crescente desconfiança em relação aos organismos internacionais, eles são percebidos como perigos para a soberania nacional ou ferramentas de obrigar uma ideologia. No entanto, como afirma Taddeo (2025), essa ruptura terá sérias consequências práticas, como a perda do acesso a informações técnicas atualizadas, redução da cooperação em situações emergenciais e problemas para participar dos programas globais de vacinação. Portanto, essa decisão não é baseada apenas em argumentos técnicos, mas também expressa uma visão política e ideológica abrangente, na qual a independência nacional é valorizada mais do que a solidariedade internacional.

Essa postura de enfrentamento contra as organizações multilaterais foi evidenciada por Milei quando ele anunciou uma parceria com os Estados Unidos para formar uma instituição internacional de saúde que deveria ser uma alternativa “livre de autoritarismo” (Lucas, 2025). Além disso, a proposta de criar uma organização paralela à OMS não visa apenas à busca de soluções técnicas, mas também a fortalecer uma narrativa política da recusa às regras tradicionais da diplomacia e dos tratados multilaterais. Este é mais um fator que joga a Argentina em rota de colisão, afetando a habilidade de criar consensos globais no campo de áreas particularmente sensíveis, como a saúde pública.

Há, ainda, impactos mais profundos na vida da população provocados pelas escolhas do governo Milei. Segundo Melito (2024), religiosos e líderes sociais vêm denunciando que as medidas econômicas instituídas pelo atual presidente, entre as quais os “pacotes” econômicos, têm garantido mais riqueza aos ricos e gerado mais fome, desemprego e exclusão social. Embora discursivamente se contraponha à “casta política”, se definindo como um “libertador” do povo, se mantém em um nível conflituoso com resultado das suas ações, como os cortes em programas sociais, o congelamento de salários e a retirada de subsídios essenciais. Essa contradição revela uma estratégia populista clássica, em que o líder utiliza uma retórica de proximidade com o povo, mas governa em benefício de uma elite econômica que defende a redução do Estado e a liberalização extrema do mercado.

No quesito ambiental, o governo caminhou cada vez mais rumo ao isolamento internacional e anunciou a retirada da Argentina do Acordo de Paris. De acordo com Oswald (2025), a decisão compromete a postura ambiental do país e sujeita a economia a graves danos financeiros. Entre eles, estão a diminuição de investimentos estrangeiros e o fechamento de mercados internacionais de parceira comercial que exigem uma postura ambiental dos seus parceiros. Ademais, essa opção também representa um passo para trás na luta contra as alterações climáticas, sublinhando um período em que os efeitos da crise climática se tornam mais perceptíveis na América Latina. A decisão de sair de um acordo amplamente reconhecido a nível mundial mostra o quão pouco o governo Milei respeita os compromissos multilaterais, reforçando a noção de que o Estado não deve ter voz ativa em matérias regulatórias, independentemente de tais matérias falarem à sobrevivência coletiva.

Analisando o conjunto dessas ações, um padrão que define o projeto político de Javier Milei fica nítido: a combinação de difusão de discurso populista autoritário, adoção de uma política econômica ultraliberal e isolamento internacional. Ou seja, não assina acordos e não respeita instituições que garantem cooperação, direitos e sustentabilidade enquanto adota medidas que aprofundam desigualdades e restringe o poder do Estado. Apesar de se mostrar como um líder contestatário do sistema tradicional, suas ações atendem os setores mais ricos e ameaçam colocar em risco a saúde, o bem-estar e o futuro de todo um povo. Com isso, verifica-se um modelo governamental que reforça a concentração de poder, enfraquece a democracia e descumpre os compromissos globais mais essenciais, tal como articulou Bolsonaro no Brasil, quando foi presidente.

CONCLUSÃO

Ao longo desta análise comparativa dos casos de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina, foi possível perceber que o populismo, especialmente em sua vertente de direita, é um fenômeno muito mais complexo, dinâmico e multifacetado do que as abordagens tradicionais costumam pressupor. Comparar os dois casos não apenas reforçou elementos teóricos previamente consolidados na literatura, como também revelou nuances e especificidades que ajudam a compreender as múltiplas expressões que o populismo assume na prática.

Durante o tempo em que esteve no cargo, Jair Bolsonaro promoveu transformações incisivas na política externa brasileira, distanciadas de uma longa tradição diplomática vinculada a noções-chave como multilateralismo e moderação. Ao invés disso, o presidente brasileiro se aliou a outros líderes populistas de extrema-direita, como Donald Trump, com quem compartilhava tanto retórica quanto prática com base na disseminação de desinformação, deslegitimação de instituições internacionais e defesa de valores conservadores devido ao desejo de expandir sua base eleitoral. O ex-presidente se apresentou como o verdadeiro representante do povo contra uma elite corrupta, muitas vezes atribuída ao “globalismo” e a interesses fora do país. Para isso, Bolsonaro instrumentalizou tanto o negacionismo científico quanto a religião, estabelecendo-os como pilar de sua comunicação política.

A eleição de Javier Milei para a Presidência da Argentina também deve ser entendida nesse contexto de fortalecimento da extrema-direita na América do Sul. Milei possui um discurso que se declara antissistema, combinando propostas econômicas radicais com ataques frequentes às instituições democráticas, jornalistas e partidos políticos tradicionais. Novamente, assim como o Bolsonaro, Milei articula valores simbólicos como moralidade, liberdade e autoridade e nacionalismo. No entanto, diferencia-se daqui, pois esses valores não são apresentados isoladamente, mas como parte de um conjunto afetivo e identitário que busca gerar sentimento de revolta, frustração e esperança, especialmente em situações de crise política e econômica.

A jornada de ambos é representativa da habilidade da extrema direita de se adaptar a novas formas de política e comunicação. Eles podem reivindicar agir na supostamente “nova política” e criar histórias atraentes sobre “honestidade” e “liberdade nacional”. Mas em última análise, eles guiam a adoção de medidas para minar as instituições democráticas, polarizar a sociedade e minar o status quo social. Seu uso raso da comunicação impede o debate político complexo e a transformação da arena democrática em uma guerra de “nós contra eles” entre

“os do bem” e “os inimigos da pátria”. Isso gera um clima de conflito permanente, que mina o diálogo e o reconhecimento da pluralidade política.

Já no Brasil, Bolsonaro se elegeu mobilizando o medo da corrupção, o apoio das igrejas evangélicas e o discurso antiliberal. Durante três anos, o presidente governou com ataques constantes à imprensa, questionando a integridade das urnas e incentivando a disseminação de boatos e desinformação. Já Milei se apresenta como “libertário”, prometendo “destruir o sistema” com reformas ultraliberais e posturas agressivas contra sindicatos e adversários políticos. Ambos, assim, reinventaram as redes sociais como ferramentas de mobilização direta, fortalecendo uma lógica de confronto que alterna o ataque à vitimização e converte seus seguidores em “defensores da pátria” e defensores incondicionais de suas ideias.

A premissa desses traços comuns foi claramente revelada nos valores expressos por Bolsonaro e Milei. Esses são os dois personagens-chave cujos valores são usados para legitimar suas posições perante o eleitorado: através de discursos polarizadores e simplificadores e narrativas políticas fortemente moralizantes. A retórica do antagonismo, presente no discurso de ambos, cria uma percepção binária da realidade: no caso, uma preenchida pelo “bem” personificado por sua liderança e outra pelo “mal” que seriam seus opositores. Neste sentido, qualquer forma de oposição é percebida como inimiga, transformando o confronto em algo legítimo para “salvar a nação”.

Os valores articulados por essas lideranças respondem a uma crise de representatividade, desgaste institucional e insegurança econômica. Mais do que posturas ideologia rígidas, são afetos e identidades políticas. Assim, tanto Bolsonaro quanto Milei assumem os papéis de mensageiros da “verdade” escondida pelas elites. Falando diretamente com pessoas que se sentem deixadas para trás ou mal representadas pela política tradicional, esses líderes da extremista-direita se aproveitam de tópicos como moral, amor à pátria, defesa da soberania e defesa dos costumes e transformam esses valores de fachada em armas para a luta pelo poder, reorganizando o debate político contemporâneo.

Assim, pesquisadores alertam que tais lideranças não apenas vencem eleições, mas reconfiguram as regras do jogo democrático ao transformar adversários políticos em inimigos do Estado. No entanto, a atração destes modelos é perfeitamente compreensível na medida em que ocorre manifestação da necessidade de mudança que é expressa por uma grande parcela da população. A nova administração só reforça a importância de uma reformulação de políticas públicas mais justas, inclusivas e representativas. Compreender o crescimento da extrema direita no Brasil e na Argentina é, por fim, refletir sobre formas de fortalecimento dessa democracia. Compreender a ascensão da extrema-direita no Brasil e na Argentina é também

refletir sobre formas de fortalecimento da democracia, o que exige o enfrentamento da desinformação, a valorização do diálogo e a construção de alternativas que ofereçam esperança sem renunciar aos direitos e da liberdade.

A análise comparativa dos casos de Jair Bolsonaro e Javier Milei permite concluir que o populismo de direita não é um fenômeno acidental ou transitório, mas um projeto político estruturado, capaz de remodelar as democracias contemporâneas por dentro. Ambos os líderes compartilham não apenas uma gramática populista comum centrada na dicotomia povo versus elite, na rejeição às instituições e na performance do outsider, mas também uma articulação direta com os princípios da extrema-direita global.

O que emerge deste estudo é que o populismo opera como uma tecnologia de poder, capaz de tensionar os limites do sistema democrático sem necessariamente rompê-los de imediato. Ao contrário, Bolsonaro e Milei utilizam as próprias instituições da democracia liberal, eleições, Parlamento, Judiciário como instrumentos para corroer seus fundamentos: o pluralismo, a mediação, os direitos das minorias e a separação de poderes.

O populismo de direita, quando articulado à extrema-direita, torna-se ainda mais perigoso, pois combina a mobilização emocional das massas com projetos de reconfiguração social profundamente excludentes. A construção de um "povo" homogêneo, branco, cristão, patriarcal e nacionalista é, na verdade, a negação do outro: imigrantes, mulheres, indígenas, LGBTQIA+, movimentos sociais, ambientalistas e qualquer grupo que não se encaixe na definição estreita de nação proposta por esses líderes.

Além disso, o populismo aqui analisado revela-se como um vetor de fragmentação do sistema internacional. A rejeição ao multilateralismo, a demonização das organizações internacionais e a ruptura com pactos regionais não são acidentes, mas parte de uma estratégia de isolamento soberanista que, paradoxalmente, reforça a dependência dos países a potências hegemônicas, como os Estados Unidos e Israel.

Um dos principais aprendizados que emerge dessa comparação é que o populismo não é uma ideologia no sentido clássico, dotado de um programa político consistente, mas sim uma lógica de construção de poder baseada na dicotomia moral entre “povo” e “elite”, como enfatizam Mudde (2024) e Casullo (2019). Contudo, essa dicotomia não se manifesta da mesma forma em todos os contextos. No Brasil, com Bolsonaro, o conceito de povo se associa fortemente a uma identidade conservadora, religiosa, moralista e profundamente enraizada no antipetismo e no anticomunismo. Na Argentina, com Milei, o povo é mobilizado a partir de uma retórica antissistema, onde o inimigo se materializa na chamada “casta política”, representada pelos partidos tradicionais, sindicatos e até pelo próprio Estado.

Essa diferença revela que o populismo é um fenômeno adaptável, capaz de incorporar elementos contextuais, culturais e institucionais específicos de cada país. Aprendi, portanto, que não existe um modelo único de populismo, mas sim uma gramática flexível, que pode ser mobilizada tanto por líderes de perfil ultraconservador e messiânico, como Bolsonaro, quanto por figuras anarcocapitalistas e economicamente libertárias, como Milei. O que os une não são os conteúdos programáticos, mas sim a forma de construir a relação política, baseada na oposição binária, na deslegitimação das instituições, na produção de inimigos e na reivindicação de serem os únicos representantes legítimos do “verdadeiro povo”.

Outro aprendizado central diz respeito à íntima relação entre populismo e as crises — sejam elas econômicas, políticas, institucionais ou culturais. Tanto Bolsonaro quanto Milei ascendem politicamente em contextos de profunda insatisfação social, descrença nas instituições e colapso dos sistemas de representação. O populismo se alimenta dessas crises, mas, ao mesmo tempo, atua na sua retroalimentação, intensificando a desconfiança nas instituições democráticas, aprofundando a polarização social e tensionando os próprios pilares da ordem democrática.

A comparação também permitiu perceber que o populismo de direita, quando combinado com elementos da extrema-direita, deixa de ser apenas uma retórica de oposição e se transforma em um projeto de governo com impacto estrutural. Ambos os casos demonstram que o populismo pode ser um meio para implementar políticas que vão além da contestação às elites políticas, avançando sobre direitos civis, sociais e culturais, reconfigurando relações internacionais e questionando o próprio papel do Estado na garantia do bem-estar social e da proteção de minorias.

Além disso, a análise dos dois casos evidenciou que o populismo contemporâneo não pode ser dissociado das dinâmicas comunicacionais. Tanto Bolsonaro quanto Milei são expressões máximas da política feita através das redes sociais, da desintermediação da comunicação e da construção de um vínculo direto, quase íntimo, com suas bases de apoio. Aprendi, portanto, que no populismo atual o discurso não é apenas uma ferramenta, mas o próprio território onde se constrói e se disputa poder.

Por fim, a principal lição que a comparação entre Bolsonaro e Milei oferece é que o populismo de direita, especialmente quando associado a valores, práticas e discursos da extrema-direita, não representa apenas uma contestação momentânea às democracias liberais, mas sim um desafio profundo, estrutural e persistente. Trata-se de uma força que reconfigura não apenas o jogo político, mas também os parâmetros do que é considerado aceitável, legítimo e possível dentro do campo democrático.

Compreender o populismo, a partir dessa análise comparativa, significa, portanto, reconhecer sua plasticidade, sua potência destrutiva, mas também seu apelo social, sobretudo em sociedades marcadas pela desigualdade, pela insegurança econômica e pela descrença nas instituições. Esse entendimento não é apenas acadêmico; ele é também um alerta sobre os riscos que esses projetos representam para a democracia e para os direitos conquistados ao longo das últimas décadas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marianna; LIMA, Maria Regina Soares de. O reordenamento global e a crise do multilateralismo. Rio de Janeiro: **CEBRI**, 2023. (*Policy Note*, n. 3). Disponível em: https://cebri.org/media/documentos/arquivos/PolicyNote_3_Reordenamento_Glo60cd11a150953.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.
- AGGIO, Camilo. O voto antipetista em Jair Bolsonaro é uma falácia. **Carta Capital**, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/o-voto-antipetista-em-jair-bolsonaro-e-uma-falacia/>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- ALEGRETTI, Laís. O fenômeno do populismo e suas relações com a democracia. **BBC News Brasil**, 6 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54373123>. Acesso em: 25 de fev. 2025.
- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. A nova extrema-direita latino-americana: aproximações entre Brasil e Argentina. **GEPAL – Grupo de Estudos de Política da América Latina**, v. 6, 2021. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v6_guilherme_GIX.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.
- ARRUDA, Fernanda Fontes. **A violência nas lives semanais de Jair Bolsonaro**. PUC -SP, 2023. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/39970> . Acesso em: 3 abr. 2025.
- AZZI, Diego; FRENKEL, Alejandro. *Jair Bolsonaro y la desintegración de América del Sur*. **Nueva Sociedad**, n. 295, ago. 2021. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/Jair-Bolsonaro-desintegracao-America-Sul/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- AZZI, Diego; RODRIGUES, Gabriela; SOUZA, Amanda. Política externa brasileira e o Sul Global: continuidade e ruptura na relação com a África. **Pensamiento Propio**, v. 27, n. 54, 2022. Disponível em: <https://www.cries.org/wp-content/uploads/2023/06/016-Resena-Moreira-Alves.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BAIMA, Cesar. Pesquisa busca ligação entre negacionismo na pandemia e promoção da ignorância no governo Bolsonaro. **Revista Questão de Ciência**, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/artigo/2024/04/26/pesquisa-busca-ligacao-entre-negacionismo-na-pandemia-e-promocao-da-ignorancia-no-governo-bolsonaro>. Acesso em: 08 maio 2025.
- BACCARIN, Malu. Na CPAC, Milei diz que é um outsider igual Trump. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/na-cpac-milei-diz-que-e-um-outsider-igual-trump/>. Acesso em: 21 maio 2025.
- BALLTOPEDIA. **Bernie Sanders' 2020 Presidential Campaign**. 2020. Disponível em: https://ballotpedia.org/Bernie_Sanders_presidential_campaign%2C_2020. Acesso em: 20 mar. 2025.
- BARBOSA, Leonardo. Mudança na política externa argentina: se a moda pega. **Revista Interesse Nacional**, [S. l.], 15 abr. 2024. Disponível em:

<https://interessenacional.com.br/portal/mudanca-na-politica-externa-argentina-se-a-moda-pegar/>. Acesso em: 28 maio 2025.

BARREIRA, Solange A. Mapa da destruição: como Bolsonaro rasgou a agenda de meio ambiente no Brasil. **Observatório do Clima**, 2023. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/mapa-da-destruicao-como-bolsonaro-rasgou-a-agenda-de-meio-ambiente-no-brasil/>. Acesso em: 8 maio 2025.

BARREIROS E SILVA, Armando; ANTUNES, Sandrina. **O populismo de Bolsonaro: uma análise das eleições presidenciais brasileiras de 2018**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade do Minho, Braga, 2021. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76628/1/Armando%20Barreiros%20Silva.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.

BARELLA, José Eduardo. O que está por trás do discurso anarcocapitalista de Javier Milei. **NeoFeed**, 2023. Disponível em: <https://neofeed.com.br/economia/o-que-esta-por-tras-do-discurso-anarcocapitalista-de-javier-milei/>. Acesso em: 21 maio 2025

BERLIN, I. et al. **To define populism. Government and Opposition**. Cambridge University Press. v. 3, n. 2, p. 137-179, 1968.

BISSIATI, Edson Lugatti Silva. **Religião e política no Brasil: o populismo religioso de direita em Jair Bolsonaro**. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/neiba/article/download/68096/44402/253369> . Acesso em: 24 abr. 2025.

BISSIATI, Edson Lugatti Silva. Religião e política no Brasil: o populismo religioso de direita em Jair Bolsonaro. **Revista Neiba**, Cadernos Argentina-Brasil, v. 11, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/neiba.2022.68096>. Acesso em: 24 abr. 2025.. Acesso em: 24 abr. 2025.

BOCUHY, Carlos. A negação climática do governo de Jair Bolsonaro. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2021. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-negacao-climatica-do-governo-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 8 maio 2025.

BONIFACIO, Robert; MACHADO, Yury; MADEIRA, Gabriel. Do baixo clero à Presidência da República: explicando o voto em Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. **Revista SAAP**, v. 16, n. 2, p. 260-288, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46468/rsaap.16.2.A2>. Acesso em: 24 abr. 2025.

BONIN, Robson. Bolsonaro defendeu ‘fuzilar a petralhada’. **Veja**, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BONNET, Alberto. *La hegemonía imposible: Gramsci y la crisis del populismo en la Argentina*. Buenos Aires: **Fondo de Cultura Económica**, 2020. Disponível em: <https://archive.org/download/526370/La%20hegemon%C3%ADa%20imposible.pdf> . Acesso em: 21 maio 2025.

BORGES JÚNIOR, Osorio Vieira. Bolsonaro e a religião: entre o carisma e o clientelismo religioso. **Revista Interseções**, v. 26, n. 1, p. 76–96, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/7368/17678>. Acesso em: 08 maio 2025.

BRESSAN, Regiane Nitsch; MENEZES, Roberto Goulart; RIBEIRO, Alina da Silva. A política externa brasileira na gestão Jair Bolsonaro: retrocessos e desafios. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 10, n. 2, p. 290–314, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/12549/8204>. Acesso em: 8 maio 2025.

BRITO, Ângela. Conheça Victoria Villarruel, vice-presidente eleita da Argentina. **Revista Oeste**, 2023. Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/conheca-victoria-villarruel-vice-presidente-eleita-da-argentina/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BURKE, Jason. *Thousands protest in Israel over 'attack on democracy' by Netanyahu*. **The Guardian**, 20 mar. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/mar/20/thousands-protest-in-israel-over-attack-on-democracy-by-netanyahu>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CADORE, Marcelo. **Bolsonarismo e pensamento conservador no Brasil**: uma análise a partir de Roger Scruton. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21746/1/TCC%20MARCELO%20CADORE.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

CAIRES, Marina. Argentina de Milei: tão longe de Beijing, tão perto de Washington. **Petrel – Revista do Centro Acadêmico de Relações Internacionais da UnB**, 2024. Disponível em: <https://petrel.unb.br/destaques/237-argentina-de-milei-tao-longe-de-beijing-tao-perto-de-washington>. Acesso em: 28 maio 2025.

CAMPELLO, Maria Raphaela Luchini Caldeira. **Minha munição é minha palavra, minha arma é a verdade**: o populismo de direita de Jair Bolsonaro à luz de Marine Le Pen. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-09082023-150828/>. Acesso em: 29 maio 2025.

CARDOZO, Elinaldo. Bolsonarismo e religião: a guerra simbólica do discurso evangélico no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Religião**, v. 3, n. 1, p. 1-18, 2023.

CARMO, Marcia. Quem é Victoria Villarruel, vice-presidente da Argentina que minimiza crimes da ditadura militar. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cxw1x1x4njxo>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CARTA CAPITAL. 15 táticas golpistas de Trump que Bolsonaro já adotou e as que ainda vai usar. **Carta Capital**, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/15-taticas-golpistas-de-trump-que-bolsonaro-ja-adotou-e-as-que-ainda-vai-usar/>. Acesso em: 08 maio 2025.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro fez população pagar por aposentadoria de pastores, acusa presidente do Sindifisco. **Carta Capital**, 10 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-fez-populacao-pagar-por-aposentadoria-de-pastores-acusa-presidente-do-sindifisco/>. Acesso em: 08 maio 2025.

CARUNCHO, Lucía. *La extrema derecha en el extremo sur: los liderazgos de Javier Milei y Jair Bolsonaro en Argentina y Brasil*. Repositorio Institucional Conicet, 2024. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/255530> .

CASULLO, María Esperanza. *Líder, héroe y villano: los protagonistas del mito populista. Nueva Sociedad*. Buenos Aires, n. 282, jul./ago. 2019. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/lider-heroe-y-villano-los-protagonistas-del-mito-populista/>. Acesso em: 25 de fev. 2025.

CASULLO, María Esperanza. *¿Por qué funciona el populismo? El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis. e-l@tina: Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, Buenos Aires, v. 19, n. 74, p. 36-39, 2021. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/elatina/article/view/6395>. Acesso em: 25 de fev. 2025.

CASULLO, María Esperanza. El populismo en América Latina: la pieza que falta para comprender un fenómeno global. *Harvard Review of Latin America*, Cambridge, 2020. Disponível em: <https://revista.drclas.harvard.edu/a-review-of-el-populismo-en-america-latina-la-pieza-que-falta-para-comprender-un-fenomeno-global/>. Acesso em: 25 de fev. 2025.

CHADE, Jamil. Governo Bolsonaro rejeita conceito de racismo ambiental na ONU. **UOL Notícias**, 4 out. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/10/04/governo-bolsonaro-rejeita-conceito-de-racismo-ambiental-na-onu.htm>. Acesso em: 8 maio 2025.

CORRÊA, Alessandra. As semelhanças entre ataques de Trump e Bolsonaro à democracia e as diferenças cruciais. **BBC News Brasil**, 02 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64094661>. Acesso em: 08 maio 2025.

CORRÊA, Alessandra. O que esperar da política externa do Brasil com Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 30 out. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59106310>. Acesso em: 8 maio 2025.

CORRÊA, Alessandra; CARMO, Marcia. “Casta” e “escravos”: os termos que Milei popularizou na política argentina. **BBC News Brasil**, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72qnn10v5xo>. Acesso em: 15 maio 2025.

COX, M. **The rise of populism and the crisis of globalisation**. JSTOR, 2017. Disponível em: [The Rise of Populism and the Crisis of Globalisation: Brexit, Trump and Beyond on JSTOR](https://www.jstor.org/stable/44444444). Acesso em: 25 de fev. 2025.

CLAYTON, James; CABRAL, Sam. Truth Social: o que é a nova rede social de Donald Trump, banido do Twitter. **BBC News Brasil**, Washington, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60482405>. Acesso em: 26 mar. 2025.

CNN BRASIL. O que Javier Milei quer dizer quando fala sobre “casta”. **CNN Brasil**, 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-javier-milei-quer-dizer-quando-fala-sobre-casta/>. Acesso em: 15 maio 2025.

CUNHA, Magali. Quem são os evangélicos que apoiam Bolsonaro? **Carta Capital**, 06 maio 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quem-sao-os-evangelicos-que-apoiam-bolsonaro/>. Acesso em: 08 maio 2025.

DUARTE, Marcelo. Bolsonarismo: uma tentativa de definição. **Sul21**, Porto Alegre, 3 out. 2022. Disponível em: <https://sul21.com.br/opinioao/2022/10/bolsonarismo-uma-tentativa-de-definicao-por-marcelo-duarte/>. Acesso em: 28 maio 2025.

DAVID, Ana Carolina Polo; MILAN, Giulia Faustini; NASCIMENTO, Matheus N. do. **Crise na Argentina: entenda o que está acontecendo com a economia do país vizinho**. Politize, 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-na-argentina-economia/?https://www.politize.com.br>. Acesso em: 15 maio 2025.

EL PAÍS. *12 años de gobierno nacionalpopulista en Hungría: La orbanización del país en tres actos*. El País, 2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-04-02/12-anos-de-gobierno-nacionalpopulista-en-hungria-la-orbanizacion-del-pais-en-tres-actos.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

EGGEL, Dominic; GALVIN, Marc. Multilateralism is in crisis – or is it? **Global Challenges**, Issue 7, 2021. Disponível em: <https://globalchallenges.ch/issue/7/multilaterism-is-in-crisis-or-is-it/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

EVANGELISTA, Ana Carolina; REIS, Livia. Neoconservadorismo, família, moral e religião nos primeiros anos do governo Bolsonaro. **Fundação Heinrich Böll**, 10 abr. 2021. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2021/04/10/neoconservadorismo-familia-moral-e-religiao-nos-primeiros-anos-do-governo-bolsonaro>. Acesso em: 08 maio 2025.

FALCÃO FILHO, Aluizio. Existem semelhanças entre as derrotas de Bolsonaro e de Trump? **Exame**, 2022. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/money-report-aluizio-falcao-filho/existem-semelhancas-entre-as-derrotas-de-bolsonaro-e-de-trump/>. Acesso em: 08 maio 2025.

FANTIN, Rafael. Sandro Mabel: "A entrevista". **Gazeta do Povo**, 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2024/goiania-go/candidatos/sandro-mabel-entrevista/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FERREIRA, Débora Cristina de Azevedo. Disputas de sentidos nas práticas de governo do bolsonarismo: o projeto da “Escola sem Partido”. **Agenda Política**, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 156-178, 2021. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/271/250>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FEREIRA, Matheus Ribeiro. **Storytelling como ferramenta de discurso no Twitter: uma análise da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018**. 2021. Disponível em: <https://tede2.espm.br/bitstream/tede/543/2/PEREIRA%2c%20Matheus%20Ribeiro.%20Storytelling%20como%20ferramenta%20de%20discurso%20no%20Twitter..pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FERRO, José Victor. A Argentina na nova era das “relações carnavais”: a política externa de Javier Milei ante o Ocidente e seus possíveis efeitos materiais contraproducentes.

Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (REPRI), 2024.

Disponível em: <https://observatorio.repri.org/2024/05/28/a-argentina-na-nova-era-das-relacoes-carnais-a-politica-externa-de-javier-milei-ante-o-ocidente-e-seus-possiveis-efeitos-materiais-contraproducentes/>. Acesso em: 28 maio 2025.

FRANCO, Bernardo Mello. Por que venceu Milei, um personagem disruptivo que capitalizou o descontentamento social. **CBN Globo Rádio**, 2023. Disponível em:

<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/425678/por-que-venceu-milei-um-personagem-disruptivo-que-.htm>. Acesso em: 15 maio 2025.

FRIEIRO, Leonardo. *La democracia como problema y el populismo como solución: una exploración de derecha radical argentina desde la transición democrática*. 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows%2011/Downloads/Dialnet-LaDemocraciaComoProblemaYElPopulismoComoSolucionUn-9807697%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Windows%2011/Downloads/Dialnet-LaDemocraciaComoProblemaYElPopulismoComoSolucionUn-9807697%20(2).pdf).

Acesso em: 20 maio 2025.

GARCIA, Gustavo; FALCÃO, Márcio. Manifestantes fazem ato em Brasília em apoio a Bolsonaro e em defesa de medidas inconstitucionais. **G1**, 31 maio 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/31/manifestantes-fazem-ato-em-brasilia-em-apoio-a-bolsonaro-e-em-defesa-de-medidas-inconstitucionais.ghtml>. Acesso em: 8 maio 2025.

GUIMARÃES, F.; SILVA, I. *Far-right populism and FP, Bolsonaro ultra-conservatism and alignment*. 2022.

GUIMARÃES, Feliciano; SILVA, Irma. **Populismo e a crise da democracia**. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá; SILVA, Irma Dutra de Oliveira e. "Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment". *International Affairs*, v. 97, n. 2, 2021, pp. 345–363.

HADDAD, Naief. O que aconteceu no Brasil em junho de 2013. **Folha de S.Paulo**, 2 jun. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/junho-13-23/o-que-foi/o-que-foi.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

IDOETA, Paula Adamo. Populismo e suas consequências na América Latina. **BBC News Brasil**, 12 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52100135>. Acesso em: 25 fev. 2025.

IDOETA, Paula Adamo. A crise da Venezuela e suas implicações regionais. **BBC News Brasil**, 12 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52100135>. Acesso em: 25 fev. 2025.

IHU UNISINOS. **Salvini adere à aliança de Netanyahu com o nacionalismo populista europeu e promete vir à posse de Bolsonaro**, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/585498-salvini-adere-a-alianca-de->

netanyahu-com-o-nacionalismo-populista-europeu-e-promete-vir-a-posse-de-bolsonaro. Acesso em: 20 mar. 2025.

INCISA, L. Dicionário de Política: Populismo. **Editora Universidade de Brasília**, v. 1, p. 980-986, 1998.

JORNAL DO BRASIL. Alinhamento automático do Brasil com EUA causa atritos na cúpula dos Brics. **Jornal do Brasil**, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://www.jb.com.br/economia/2019/11/1020239-alinhamento-automatico-do-brasil-com-eua-causa-atritos-na-cupula-dos-brics.html> . Acesso em: 8 maio 2025.

KORDON, Leonardo. *Lo nuevo al acecho: autoritarismo de mercado y subjetividades de derecha en la Argentina contemporánea*. **Revista Argentina de Ciencia Política**, v. 1, n. 29, p. 55–79, 2022. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/111249556/Kordon_Leoanrdo_Lo_nuevo_al_acecho-libre.pdf. Acesso em: 21 maio 2025.

LEITÃO, Matheus. O recado absurdo de Eduardo Bolsonaro para os professores. **Veja**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-recado-absurdo-de-eduardo-bolsonaro-para-os-professores>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LEITÃO, Matheus. O papel de Trump no movimento bolsonarista brasileiro. **Veja**, 07 nov. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-papel-de-trump-no-movimento-bolsonarista-brasileiro/>. Acesso em: 08 maio 2025.

LOPES, Anna Júlia. Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. **Poder360**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>. Acesso em: 08 maio 2025.

LÖWY, Michael. A nova direita: bases sociais e ideológicas do bolsonarismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 39, n. 1, p. 23–45, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdwxKBBcNqHyKkckfW6Qn/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LUCAS, John. Milei afirma que sua vice é parte da casta política e não interfere nas decisões do governo. **Gazeta do Povo**, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/milei-afirma-que-sua-vice-e-parte-da-casta-politica-e-nao-interfere-nas-decisoes-do-governo/>. Acesso em: 15 maio 2025.

LUCAS, John. *Milei fecha com EUA criação de alternativa internacional à OMS “livre de autoritarismo”*. **Gazeta do Povo**, 27 maio 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/milei-fecha-com-eua-criacao-de-alternativa-internacional-a-oms-livre-de-autoritarismo/>. Acesso em: 29 maio 2025.

LUCENA, André. Milei volta a afirmar que vai fechar o Banco Central da Argentina; condições dificultam viabilidade da medida. **Carta Capital**, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/milei-volta-a-afirmar-que-vai-fechar-o-banco-central-da-argentina-condicoes-dificultam-viabilidade-da-medida/>. Acesso em: 21 maio 2025.

LUCENA, André. A “castificação” de Milei: como o ultradireitista argentino se uniu ao que mais criticava. **CartaCapital**, 15 dez. 2023. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/a-castificacao-de-milei-como-o-ultradireitista-argentino-se-uniu-ao-que-mais-criticava/>. Acesso em: 15 maio 2025.

MAGENTA, Matheus. Covid-19: as ofertas de vacina ignoradas pelo governo Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>. Acesso em: 08 mai. 2025.

MARCOLINO, Aline. Peronismo venceu 4 das últimas 5 eleições presidenciais. **Poder360**, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/peronismo-venceu-4-das-ultimas-5-eleicoes-presidenciais/>. Acesso em: 15 maio 2025.

MARIA, Carla. Bolsonaro ataca professoras para defender a PEC 23 do calote nos precatórios e continuar o desmonte da educação. **Sindicato dos Professores no Distrito Federal**, 27 out. 2021. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/bolsonaro-ataca-professoras-para-defender-a-pec-23-do-calote-nos-precatorios-e-continuar-o-desmonte-da-educacao/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MARTINS, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, João Victor. Política e religião: aproximações entre o bolsonarismo e o campo evangélico no Brasil. **Revista Terceiro Milênio**, v. 19, p. 130–147, 2020. Disponível em: <https://www.revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/307/256>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MARTINS, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, João Victor. Evangelismo e política na nova república. **Revista Terceiro Milênio**, UENF, n. 19, 2020. Disponível em: <https://www.revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/307/256>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MARTINS, Mariana; ALVES, Victor. O discurso político da extrema-direita no Brasil e a ideologia da “família tradicional”. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 11, n. 2, p. 102-123, 2022.

MEDEIROS, Silvana Cristina; SILVA, Ana. Conflitos e simbologias: o bolsonarismo como estilo de governo. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 28, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/Kc8dF6vqdWGRf6hVWz7nmmw>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MENDONÇA, Ricardo; AGOSTINE, Cristiane; FERNANDES, Maria Cristina; LIMA, Leila; FRISCH, Felipe. Jair Bolsonaro é eleito presidente em vitória que reflete antipetismo. **Valor Econômico**, 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-em-vitoria-que-reflete-antipetismo-1.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MERKE, Federico; PEREYRA DOVAL, Gisela. *Javier Milei e a extrema direita global: reformulando a política externa da Argentina*. **Revista CEBRI**, 2024. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/172/javier-milei-e-a-extrema-direita-global-reformulando-a-politica-externa-da-argentina>. Acesso em: 21 maio 2025.

MELITO, Leandro. Milei beneficia mais ricos às custas da fome da maioria da população, dizem sacerdotes argentinos. **Brasil de Fato**, 10 dez. 2024. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2024/12/10/milei-beneficia-mais-ricos-as-custas-da-fome-da-maioria-da-populacao-dizem-sacerdotes-argentinos/>. Acesso em: 29 maio 2025.

MIAZZO, Leandro. Relembre os ataques de Bolsonaro ao Centrão, hoje fiador de sua sobrevivência política. **Carta Capital**, São Paulo, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/relembre-os-ataques-de-bolsonaro-ao-centrao-hoje-fiador-de-sua-sobrevivencia-politica/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MILLIKAN, Brent. O triunfo do retrocesso. **El País Brasil**, 28 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/opinion/1540741974_135426.html. Acesso em: 08 maio 2025.

MOFFITT, Benjamin. *The Global Rise of Populism: Performance, Political Style, and Representation*. Stanford: Stanford University Press, 2018.

MOLLOY, David. O que exatamente significa o populismo, usado para descrever de Trump a Chávez? **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43322313> . Acesso em: 26 mar. 2025.

MORAES, Ângela Teixeira de; ABBADIA MELO, Carolina; BORGES, Déborah Rodrigues; BORGES, Rogério Pereira; COVEM QUEIROZ, Eliani de Fátima; DIAS MACEDO, Gabriela; FREIRE LOURES, Gabriela; FERNANDES, Luiz Carlos; LUCCIANNI, Gabriella; MATTOS, Maria Ângela; ARAKI, Maria Luísa; SIGNATES, Luiz Antônio; SIGNATES, Nayane; INÁCIO REZENDE SILVA, Polyana; RIBEIRO BORGES, Rosana Maria; MOREIRA DE OLIVEIRA, Sabrina; BARCELOS P. SALGADO, Tiago; FÉLIX DE OLIVEIRA, Wéber. **Centralidade da comunicação: esforços teóricos e novos cenários comunicacionais**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/Centralidade_da_comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf f. Acesso em: 13 mar. 2025.

MOREIRA, Assis. Rejeição internacional à postura de Bolsonaro ganha novos adeptos. **Valor Econômico**, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/06/04/rejeicao-internacional-a-postura-de-bolsonaro-ganha-novos-adeptos.ghtml>. Acesso em: 8 maio 2025.

MOURA, Antônio de Paiva. Trump e Bolsonaro: signos de retrocesso histórico. **Brasil de Fato**, 04 ago. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/antonio-de-paiva-moura/2022/08/04/trump-e-bolsonaro-signos-de-retrocesso-historico/>. Acesso em: 08 maio 2025.

MUDDE, C. *The Populist Zeitgeist*. University Of Georgia, 2004. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/the-populist-zeitgeist-4s5xd26w7y.pdf>. Acesso em: 25 de fev. 2025.

MUDDE, Cas. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/42763716/The_far_right_today . Acesso em: 25 de fev. 2025.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populismo: una breve introducción**. Madrid: Alianza Editorial, 2017. Capítulo 1 disponível em: https://www.alianzaeditorial.es/primer_capitulo/populismo-una-breve-introduccion.pdf. Acesso em: 25 de fev. 2025.

NAKAGAWA, Fernando. Todos os presidentes argentinos deixaram o cargo com inflação maior que na posse nos últimos 20 anos. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/todos-os-presidentes-argentinos-deixaram-o-cargo-com-inflacao-maior-que-na-posse-nos-ultimos-20-anos/>. Acesso em: 15 maio 2025.

NUSO. *Cómo Budapest se transformó en la meca del antiprogresismo*, 2023. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/como-budapest-se-transformo-en-la-meca-del-antiprogresismo/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

OLIVEIRA, Elis Regina Teixeira de. A construção do “outro” como inimigo: a política externa brasileira no governo Bolsonaro. **Revista Letras & Arquivos**, Santa Maria, v. 6, n. 3, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/66347/52289>. Acesso em: 10 abr. 2025.

OLIVEIRA, Elis Regina Teixeira de; SANTOS, José Arlindo dos. A construção do “outro” como inimigo: a política externa brasileira no governo Bolsonaro. **Revista Letras & Arquivos**, v. 6, n. 3, p. 1-19, 2021.

OLIVEIRA, Nathan. A crise contemporânea do multilateralismo a partir das dificuldades enfrentadas pelas organizações internacionais no século XXI. **Diário das Nações**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://diariodasnacoes.wordpress.com/2021/02/15/a-crise-contemporanea-do-multilateralismo-a-partir-das-dificuldades-enfrentadas-pelas-organizacoes-internacionais-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Marco. "Governing COVID-19 without Science? A Worrisome Example from Brazil". **Health Promotion International**, v. 35, n. 3, 2020, pp. 303–307.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Mônica. Bolsonaro e Covid-19: da negação à “gripezinha” ao elogio da imunidade de rebanho. **Revista de Estudios Brasileños**, Salamanca, v. 7, n. 14, p. 141-157, 2020. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/2386-4575/article/view/24213> . Acesso em: 10 abr. 2025.

OSHIMA, Flávio; SOPRANA, Paula. Todas as fases da Lava Jato. **ÉPOCA**, 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/todas-fases-da-lava-jato.html>. Acesso em: 3 abr. 2025.

OSWALD, Vivian. *Quanto custa à Argentina deixar o Acordo de Paris?* **Jota**, 2025. Disponível em: <https://www.jota.info/tributos-e-empresas/mercado/quanto-custa-a-argentina-deixar-o-acordo-de-paris>. Acesso em: 29 maio 2025.

PASSARINHO, Nathalia. Na COP26, Brasil se compromete com desmatamento zero até 2030, mas enfrenta ceticismo. **BBC News Brasil**, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59201463>. Acesso em: 8 maio 2025.

PENIDO, Ana; ARAUJO, Gabriela; MATOS, Davi. *Militares no governo Bolsonaro*. São Paulo: GEDES – Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional, 2020. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/wp-content/uploads/2021/04/Informe-tematico-Militares-no-governo-Bolsonaro-2020.pdf>. Acesso em: 24 abr 2025.

PEREIRA, Júlia. **Cristãos repudiam uso oportunista da religião e a manipulação de Bolsonaro**. 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/cristaos-repudiam-uso-oportunista-da-religiao-e-a-manipulacao-de-bolsonaro-7da2>. Acesso em: 08 maio 2025.

PIEPER, Daniel. Religião, política e produção simbólica: um estudo sociológico à luz de Bourdieu. **Revista Liinc em Revista**, v. 15, n. 1, p. 20-37, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5687/5282>. Acesso em: 24 abr. 2025.

PONTES, Filipe. Saiba como funcionou fraude de cartão de vacina de Bolsonaro. **Agência Brasil**, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-03/saiba-como-funcionou-fraude-de-cartao-de-vacina-de-bolsonaro>. Acesso em: 08 maio 2025.

POTTER, Hyury. A trajetória política de Jair Bolsonaro. **CartaCapital**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-trajetoria-politica-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

PY, Fábio. **Bolsonaro e o cristofascismo brasileiro**: relação entre cristianismo e política. UENF, 12 jun. 2021. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/bolsonaro-e-o-cristofascismo-brasileiro-relacao-cristianismo-e-politica/>. Acesso em: 08 maio 2025.

RAMÍREZ, Ignacio; CACHÉS, Javier. O fenômeno Milei: o que é isso? **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-fenomeno-milei-o-que-e-isso/>. Acesso em: 15 maio 2025.

RENNÓ, Lucio. *"The Bolsonaro Paradox: The Public Opinion Roots of Bolsonaro's Electoral Success"*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 32, 2020, pp. 1-38.

RETAMOZO, Martín. *El populismo antipopulista de Javier Milei: demandas, discurso y política de la derecha radical en Argentina*. 2023.

REUTERS. **City elections show Brazil shifted right but not far-right**. 28 out. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/city-elections-show-brazil-shifted-right-not-far-right-2024-10-28/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

SAAD-FILHO, Alfredo. *"Mass Protests and the New Politics of Discontent: Brazil, Argentina and Chile in Comparative Perspective"*. **Latin American Perspectives**, v. 47, n. 4, 2020, pp. 15-32.

SALES, Vinícius. Evangélicos foram principal pilar de ato pró-Bolsonaro. **Gazeta do Povo**, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/evangelicos-foram-principal-pilar-de-ato-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 08 maio 2025.

SALBERT, Sara. Argentina confirma saída da OMS e diz que vai rever protocolo de vacinação. **Veja**, 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/argentina-confirma-saida-da-oms-e-diz-que-vai-rever-protocolo-de-vacinacao/>. Acesso em: 29 maio 2025.

SANCHES, Mariana; MAGENTA, Matheus. Negação, ataques à China e promessas de cura: o que fez Bolsonaro ignorar a ciência na pandemia. **BBC News Brasil**, 20 abr. 2020.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52361730>. Acesso em: 08 maio 2025.

SANCHES, Jordana Mota. A extrema-direita no Brasil com Bolsonaro: uma análise político-discursiva (2018–2021). 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Política) – **Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, 2021. Acesso em: 14 jun. 2025.

SANDENBERG, Carlos Alberto. No mesmo discurso contra globalização, Bolsonaro elogia os EUA e Trump. **CBN**, 24 set. 2019. Disponível em:

<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/275906/no-mesmo-discurso-contra-globalizacao-bolsonaro-el.htm>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANDERS, Bernie. *On the Issues*. 2025. Disponível em: <https://berniesanders.com/issues/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTOS, José. Operação Lava Jato: o que foi, início, envolvidos. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/operacao-lava-jato.htm>. Acesso em: 3 abr. 2025.

SANTOS, José Arlindo dos. As estratégias do bolsonarismo e a construção da alteridade nos discursos políticos. **Revista Uniletras**, Ponta Grossa, v. 42, n. 2, p. 01-18, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/21767/209209218016>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANTOS, Elze Maria dos. **A linha tênue entre liberdade de expressão e discurso de ódio: como o ódio foi utilizado como ferramenta de manipulação política no governo Bolsonaro (2019–2022)**. 2023. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, Elze Maria. **Discurso político e religião: a ascensão de figuras messiânicas nas redes sociais**. UFS, 2021. Disponível em:

https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/18074/2/Elze_Maria_Santos.pdf. Acesso em: 24 abr. 2025. Acesso em: 11 abr. 2025.

SCHAFFNER, Fábio. Quem é Pablo Marçal, o guru da riqueza que está subvertendo a eleição em São Paulo. **Zero Hora**, 2024. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2024/08/quem-e-pablo-marcal-o-guru-da-riqueza-que-esta-subvertendo-a-eleicao-em-sao-paulo-cm0bjaniu00dp015s9z6m0zc0.html>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SENDRA, Mariana; MARCOS-MARNE, Hugo. *A new right-wing populism? Javier Milei and the populist radical right in Argentina*. **Journal of Iberian and Latin American Research**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 1–18, 2024. DOI:

<https://doi.org/10.1080/13569775.2024.2311982> . Acesso em: 15 maio 2025.

SILVA, Maria. Análise: Lava Jato corroeu confiança no político tradicional, mantido no poder via eleição proporcional. **CNN Brasil**, 6 set. 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/analise-lava-jato-corroeu-confianca-no-politico-tradicional-mantido-no-poder-via-eleicao-proporcional/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

SILVA, Tiago Oliveira da; SANTOS, Danilo Enrique Rosa dos. **A cruzada contra a educação: o bolsonarismo e o anti-intelectualismo no Brasil**. Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130606/2/432485.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVEIRA, Matilde. Jair Bolsonaro constrói carreira política desde os anos 80 ancorado em polêmicas. **O Globo**, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/jair-bolsonaro-constroi-carreira-politica-desde-os-anos-80-ancorado-em-polemicas-21687404>. Acesso em: 3 abr. 2025.

SMINK, Veronica. Javier Milei: quem é o economista ultraliberal que venceu as eleições presidenciais na Argentina. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4n5e3jlpyno>. Acesso em: 15 maio 2025.

SPONHOLZ, Lirian; ÖZVATAN, Özgür. Entrevista com Cas Mudde: O termo populismo não é apenas um eufemismo. Falta-lhe clareza e temos termos melhores para descrever o mesmo fenômeno. **Mídia e Cotidiano**, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/61371/35987>. Acesso em:

STEFANONI, Pablo. Javier Milei, outsider anarcocapitalista, ameaça eleições na Argentina. **Open Democracy**, 2023. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/javier-milei-outsider-anarcocapitalista-ameaca-eleicoes-argentina/>. Acesso em: 21 maio 2025.

STEFANY, Alfredo. Campanha de Jair Bolsonaro para presidência da República: moralidade e desinformação. **ABPCOM**, 2025. Disponível em: <https://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2025/01/Stefany-Alfredo.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

URIBE, Gustavo. Direita avança na Argentina pelos desacertos da esquerda, avalia Valdemar à CNN. **CNN News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/direita-avanca-na-argentina-pelos-desacertos-da-esquerda-avalia-valdemar-a-cnn/>. Acesso em: 15 maio 2025.

VALLONE, Giuliana. Desafios policiais e a ascensão de líderes populistas. **BBC News Brasil**, 16 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51301016>. Acesso em: 25 fev.2025.

VEIGA, Edison. Anarcocapitalismo: o que é a ideologia que o novo presidente argentino diz seguir. **G1**, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/11/24/anarcocapitalismo-o-que-e-a-ideologia-que-o-novo-presidente-argentino-diz-seguir.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2025.

VIANA, Janile Lima. **A ascensão do populismo de direita e a relação com as instituições democráticas no Brasil contemporâneo**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024.

VIEIRA, Emanuela. Anarcocapitalismo: o que é essa ideologia?. **Politize!**, 3 fev. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/anarcocapitalismo/>. Acesso em: 28 maio 2025.

VIEIRA, Marco Aurélio. A crise contemporânea do multilateralismo: dificuldades enfrentadas pelas organizações internacionais no século XXI. **Revista Brasileira de Política**

Internacional, Brasília, v. 64, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/PhTgxqLRXXwCwTwPKGLw5NH/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

VITAL, Christina; GHERMAN, Michel; LEMOS, Beatriz; SANTOS, Lais. A extrema-direita no Brasil: discurso, práticas e atores. São Paulo: **Fundação Heinrich Böll**, abr. 2024. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/2024-04/relatorio_extrema_direita_no_brasil_boll_final-1.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

TADDEO, Luciana. *Quais são as consequências para a Argentina de sair da OMS?*. **CNN News Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quais-sao-as-consequencias-para-a-argentina-de-sair-da-oms/>. Acesso em: 29 maio 2025.

WELLE, Deutsche. Relatório aponta enfraquecimento da democracia em todo o mundo. **DW**, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/relat%C3%B3rio-aponta-enfraquecimento-da-democracia-em-todo-o-mundo/a-67289788>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I
APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante EDUARDA DE SOUZA MOREIRA do Curso de Relações Internacionais, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O POPULISMO E A DINÂMICA DA EXTREMA DIREITA: UMA COMPARAÇÃO DE JAIR BOLSONARO (BRASIL) E JAVIER MILEI (ARGENTINA), gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):

Nome completo do(s) autor(es): Eduarda de Souza Moreira

Assinatura do professor orientador:

Nome completo do professor orientador: Danillo Alarcon